

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**A GESTÃO DA ESCOLA MUNICIPAL “DR. ACHILLES DE ALMEIDA”
DE 1951 A 1991.**

José Wilson Sanches Campos

**Sorocaba / São Paulo
Setembro 2004**

José Wilson Sanches Campos

**A GESTÃO DA ESCOLA MUNICIPAL “DR. ACHILLES DE ALMEIDA”
DE 1951 A 1991.**

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Barreira

**Dissertação apresentada à
Universidade de Sorocaba –
UNISO – para obtenção do título
de Mestre em Educação**

**Sorocaba / São Paulo
Setembro 2004**

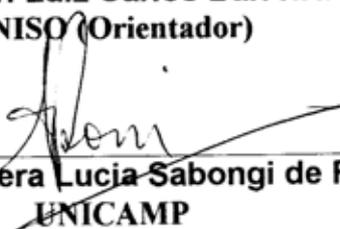
**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**A GESTÃO DA ESCOLA MUNICIPAL “DR. ACHILLES DE ALMEIDA”
DE 1951 A 1991.**

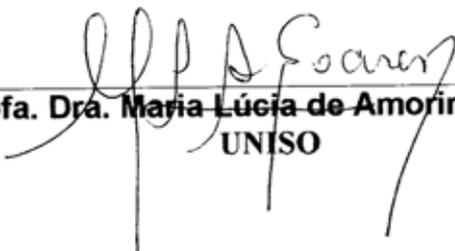
José Wilson Sanches Campos



**Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira
UNISO (Orientador)**



**Profa. Dra. Vera Lucia Sabongi de Rossi
UNICAMP**



**Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares
UNISO**

**Sorocaba / São Paulo
Setembro 2004**

Dedicatória

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim como em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*

Ricardo Reis - FP

É o que aprendi com os meus pais, Engrácia e José Emílio e com minha irmã Roseli, pessoas fundamentais na minha existência. Eu lhes dedico este trabalho e muito mais.

Dedico também este trabalho a Geraldo Antonio Rizzi (in memoriam) pelo seu incentivo e interesse.

Agradecimento

"Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.

Meu coração não aprendeu nada.

(...)

A calma que tinhas, deste-ma,(...)"

Alberto Caieiro - FP

Agradeço ao Professor Doutor Luiz Carlos Barreira pela sua rara dedicação e amizade. Imagino o quanto deve ser difícil agüentar a insegurança alheia.

Admiro sua inteligência e erudição.

Obrigado amigo!

Agradecimento

*E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm."*

Fernando Pessoa – Ele mesmo

Meus mais efusivos agradecimentos a Professora Doutora e Amiga Maria Lúcia de Amorim Soares, que praticamente me empurrou mestrado adentro;

Agradeço a Professora Doutora Vera Lúcia Sabongi de Rossi, que é antes de tudo, uma criatura doce e delicada. Sua ajuda foi fundamental, muito contribuiu para este trabalho;

Ao Professor Doutor e Amigo Paulo Celso da Silva, que perdeu horas preciosas de convívio com a Neide, o Guilherme e a Cássia, suportando meus medos e ajudando a superá-los, muito obrigado;

A Cláudia Cristina Rizzi, a Débora Leite Vieira e ao Fábio Antônio Rizzi, Amigos que colaboraram nas transcrições das entrevistas, sempre serei grato;

Agradeço pela história de vocês, meus pacientes colaboradores: Luiza Corraleiro Zotino Coelho, Rita de Cássia Araújo, Álvaro Marcolan Júnior, Leonette Georges Kayal Stefano e fundamentalmente a Milton Marinho Martins que me aturou e atendeu sempre de muito bom grado.

*"Acima da verdade estão os deuses.
Nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo."
Ricardo Reis – FP*

*"Se minha casa pegasse fogo, eu salvaria o fogo"
Jean-Yves Leloup*

*"À dolorosa luz das lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos."
Álvaro de Campos - FP*

Resumo

Este trabalho considera a categoria autoridade na gestão escolar do diretor Milton Marinho Martins na Escola Municipal "Dr. Achilles de Almeida" da cidade de Sorocaba que foi de 1951 a 1991. Usou o método da história oral, das análises de imagens e documentos escritos para formulação da trajetória dessa gerência escolar e da escola em si. O status da escola, na visão da comunidade e, os documentos foram analisados na perspectiva dos estudos sobre o imaginário social. As categorias autoridade do fundador e imaginário social do diretor são explicitadas, assim como o método da história oral. A perda da autoridade no campo educacional, também é um fator estudado nesta dissertação.

Palavras-chave: Autoridade; diretor; gestão escolar; imaginário social, história oral.

Abstract

This work considers authority as a category in the academic management of the principal Milton Marinho Martins at the City School "Dr. Achilles de Almeida" in Sorocaba, from 1951 to 1991. It used the method of the oral history, analyses of images and written documents to devise the path of that school management and the school itself. The status of the school, from the viewpoint of the community and the documents, was analyzed in the perspective of the studies about the social imaginary. The categories authority of the founder and social imaginary of the director are set out, as well as the method of the oral history. The loss of authority in the educational field, is also a factor studied in this dissertation.

Key words: Authority; principal; school management; social imaginary, oral history.

Sumário

1. Introdução.....	10
2. História deste projeto.....	12
3. História oral.....	22
3. 1. Autobiografia de Milton Marinho Martins.....	30
3. 2. As entrevistas.....	36
3. 2. 1. Prof. Milton – Primeira Entrevista (12 de fevereiro de 2003).....	37
3. 2. 2. Prof. Milton – Segunda Entrevista (03 de setembro de 2003).....	40
3. 2. 3. Profa. Iza – Entrevista (16 de outubro de 2003).....	43
3. 2. 4. Profa. Rita de Cássia – Entrevista (16 de outubro de 2003).....	45
3. 2. 5. Prof. Álvaro – Entrevista (29 de setembro de 2003).....	48
3. 2. 6. Profa. Leonette – Entrevista (29 de setembro de 2003).....	51
4. O imaginário Social.....	54
5. Autoridade.....	58
6. História da Escola.....	74
6. 1. Biografia do Dr. Achilles de Almeida.....	87
6. 2. A comunidade e a escola.....	90
7. Considerações finais.....	109
Bibliografia.....	112
Anexos.....	em CD

1- Introdução

Este trabalho não é dividido em capítulos, mas em partes e mostra parte da história da Escola Municipal de Primeiro e Segundo Graus “Dr. Achilles de Almeida”. A trajetória da escola é construída a partir de entrevistas colhidas de acordo com a metodologia da História Oral, de documentos e de recortes de jornais; a comprovação da idéia de que a escola gozava de grande reconhecimento e admiração populares e; por fim, é vista a gestão Milton Marinho Martins dentro de uma perspectiva de estudo da autoridade do diretor e de construção do imaginário social.

Em primeiro lugar no item denominado como “história deste projeto”; colocamos as razões que levaram a esta empreitada e expomos os caminhos que usamos para alcançar nossos objetivos e apresentamos os referenciais teóricos utilizados. Explicamos o recorte temporal, que é exatamente o período da gestão do diretor Milton Marinho Martins e justificamos as escolhas dos documentos orais e escritos.

Preparando para as entrevistas e biografias, organizamos um pequeno texto sobre a História Oral, desde as suas origens, a sua história, suas principais etapas e convidamos para o diálogo vários autores que apontam as facilidades, usos e maus usos desta metodologia que alguns pretendem entender como disciplina.

Iniciando pela autobiografia do diretor Milton, abrimos a fase das entrevistas com as transcrição de dois longos colóquios com o referido diretor e em seguida, numa sucessão de outras transcrições aparecem três ex-alunos representativos das décadas de gestão do diretor em questão. Outras pessoas foram aventadas para serem entrevistadas, mas, dentro do que nós queríamos pesquisar, notamos pelos encontros preliminares que o material seria redundante e gentilmente dispensamos. Na seqüência, encerramos a fase de transcrições com a senhora Leonette Georges Kayal, sucessora e por muitos anos vice-diretora da escola concomitante-

mente ao diretor Milton.

Como fundamentação para adentrar a história da escola propriamente dita, preparamos duas falas que fundamentam as visões nas quais baseamos a construção história e a nossa análise. José Carlos Libâneo e Marília Fonseca nos ajudaram a entender a gestão escolar numa perspectiva que permitiu costurar as ligações entre os vários imaginários sociais que envolvem a escola. Bazcko, Lefebvre e Sennett nos encaminharam nas sendas do imaginário social.

A segunda dessas falas discorre a respeito da autoridade, sua origem etimológica e filosófica. Apresentamos principalmente as idéias de Hannah Arendt, Carl J. Friedrich e Richard Sennett para a categoria autoridade e Michael Foucault em poder, disciplina e vigilância, todas estas obras são devidamente apontadas nos lugares em que foram usadas.

Uma história da escola nas perspectivas levantadas de autoridade e imaginário social foi construída e ao mesmo tempo analisada. A biografia do fundador foi inserida nesta parte, pois está colocada na mesma perspectiva de reconstrução histórica e por isso não aparece junto com as demais biografias.

Então, nas considerações finais, encerramos este trabalho ligando as várias faces desta história.

2. A história deste projeto

Esta dissertação de mestrado derivou de um projeto que, a princípio, propúnhamos formar um acervo histórico das instituições escolares tradicionais de Sorocaba. A minha participação como pesquisador na já citada proposta contemplava a história do estabelecimento de ensino municipal sorocabano atualmente denominado: Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Dr. Achilles de Almeida”. Seria uma grande tarefa. Mas, como fui aluno dessa escola, minhas recordações e sentimentos me impeliram a clarear alguns outros pontos referentes a esta instituição.

A ótima reputação da escola no cenário local e os motivos que a levaram a galgar tal posição de destaque eram questões a serem pesquisadas. Acreditávamos que parte considerável dessa fama se relacionasse diretamente ao diretor da escola na época, já que sua imagem era inseparável da do estabelecimento. A Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Dr. Achilles de Almeida”, desde a década de 1950 até os anos 1990, foi conduzida com firmeza pelo diretor Milton Marinho Martins.

A figura do diretor Milton era uma poderosa referência em nossa memória infantil e também notória presença na história da escola e as pesquisas por nós efetuadas só vieram a confirmar essa asserção. Todas as manhãs, religiosamente, no mesmo horário, pelo sistema interno de som, nós ouvíamos a sua saudação matinal e as “ordens do dia”. Era um aviso de que ele estava ali. A posição da sala da direção e sua ostensiva fiscalização nos remeteram ao panopticon de Bentham sobre o qual discorreremos mais tarde.

O leitor pode não vislumbrar problema algum no fato de um ex-aluno demonstrar admiração pelo diretor de sua antiga escola, porém, para os que conheceram a fama de grande austeridade e rigor do diretor Milton e dada sua famosa natureza explosiva e de exator, é de causar estranheza que um ex-aluno visse nele uma pes-

soa a quem admirar.

Para a maioria dos alunos sua figura sempre causou um certo receio, diria até mesmo medo, fiquei bastante preocupado com o meu surto de arrebatamento. Como eu poderia estar enaltecendo uma figura que por tantos anos considerei autoritária? Sou capaz de admirar uma pessoa impositiva? Ou será que ele não era assim tão autoritário e os tempos é que eram assim? Teria essa sua autoridade, contribuído para o status da escola? Quantas dúvidas!

O que é necessário para se fazer uma dissertação de mestrado?

Dúvidas!

O professor Wilson Sandano, coordenador atual do Programa de Mestrado da Universidade de Sorocaba, em uma aula, reafirmou, com seu jeito circunspeto, que os problemas são bem vindos quando se tem por meta um trabalho científico e é verdade. Quanto mais difícil é a charada da ciência mais nos move à descoberta e já que estava às portas do labirinto da pesquisa decidi por mãos à obra, desfiar o novelo.

Os primeiros passos da investigação foram dados na própria escola. Vários contatos telefônicos foram efetuados no intuito de entrevistar a atual diretora, mas não foi possível, então para iniciar relações com o local e seus sujeitos, fomos procurar outros funcionários para ver se podiam nos valer.

A secretária e suas auxiliares foram extremamente solícitas e se propuseram a ajudar no que fosse possível, porém, pouco ou quase nada puderam fazer. Em seus escritórios não se encontravam os papéis dos quais esta pesquisa necessitava. Sugeriram a biblioteca - e lá confesso ter ficado duplamente desapontado. Primeiro a biblioteca não ficava mais no mesmo lugar dos meus tempos de menino. Antes, ocupava uma sala grande, solene, iluminada, em um local de destaque na arquitetura do prédio, bem no alto das escadarias. Ainda me recordo da organização dos livros, da mesa de madeira escura, das cortinas perfeitas, sem uma mácula, e do ar perfumado com lustra-móveis.

A atual biblioteca nos deu a impressão de ser mais escura. É mais prática, no sentido de ter o espaço dividido de forma mais eficiente, porém menos aconchegante que outrora, passa a impressão de ser um porão mesmo não sendo.

O outro desapontamento chegou por intermédio da bibliotecária, Sra. Regina Céli Carvalho Fernandes, uma pessoa muito simpática. Ela nos mostrou o que possuía e inventariar o acervo sobre a história da escola na biblioteca foi trabalho simples e rápido devido à exigüidade de material.

Dos documentos remanescentes, o mais completo tinha treze páginas e ela afirmava ser supostamente do ano de 2002, denominado: História do “Achilles”. Também encontrou nos seus guardados alguns poucos recortes de jornais, que por uma comemoração ou outra haviam citado a escola. Algumas folhas de papel rodadas em estêncil datilografado, os jornais estudantis, vieram somar-se ao magro ajuntamento.

Dona Regina presenteou-nos com uma cópia de um selo comemorativo que marcava a mudança da escola para o seu prédio próprio em 1974. Dentre os papéis encontrados, o mais tocante (para mim) foi uma cópia do programa de uma festa ocorrida no dia 22 de outubro de 1974 e conhecida como: “Noite Lítero-Musical em Memória de Dr. Achilles de Almeida”, uma jóia pessoal já que sou citado como um dos participantes de um jogral, eu tinha onze anos e estava na sexta série do ensino fundamental.

Levei o material para casa e me debrucei sobre essas frações de história.

Uma das atividades iniciais desta pesquisa foi, portanto, levantar informações a respeito da escola Achilles de Almeida. Durante o processo de pesquisa me deparei com o triste, porém comum, fato de que muito material sobre a história da escola havia sido destruído com o passar dos anos. E não me refiro à deterioração causada pelo tempo, mas destruição mesmo. Os documentos oficiais ou não, tudo foi dispensado no lixo. Estão em uma sala “poupados” apenas os mais recentes, aqueles que a lei obriga a guardar. Documentos escolares, relatórios e outras formas de memória, foram descartadas e sobraram apenas as documentações que estavam dentro do prazo de cinco anos. Pouco restou. Confesso que fiquei decepcionado, mas não surpreso. A lei assim permite!

Como um obstáculo não deve impedir o trilhar do caminho, fui ter com o orientador desta dissertação, o Professor Dr. Luiz Carlos Barreira e ao me lamentar sobre a destruição das fontes escritas que eu pretendia usar em meu trabalho, ele arrazoou, com sua fleuma monacal, que os arquivos documentais escritos e oficiais de

uma escola não são de forma alguma os únicos repositórios da história da mesma. Redargüiu que Thompson já condenava a ditadura do papel (Thompson P., 1992: 75). Lembrou-me da imprensa e de outras mídias; ainda, entre outras fontes, ponderou sobre as pessoas e suas memórias.

Entrei em contato com a história oral como sendo uma saída muito interessante para o impasse de não haver suficiente documentação escrita no recinto da escola. As primeiras obras consultadas sobre essa metodologia foram: “História oral e pesquisa sociológica: A experiência do CERU” (Lang, 1998) e “História oral. A Experiência do CPDOC” (Alberti, 1989). Um texto levou ao outro e assim por diante, logo se acumulava um pequeno acervo a esse respeito. A voz do Passado (Thompson P., 1992), Manual de História oral (Meihy, 2002), História oral, Possibilidades e Procedimentos (Freitas, 2002), História oral. Usos e abusos da História oral (Ferreira, 1996), Ser Professor no Brasil (Fonseca, 1997).

Um dos pontos comuns entre os vários autores que se dedicam à história oral é que não se deve partir para o processo de entrevistas, basilares nos trabalhos desse tipo, sem antes perpetrar uma criteriosa investigação sobre o objeto que se quer levantar, as suas especificidades, seus meandros e daí então definir quais os objetivos que se pretende alcançar.

“Se partimos do pressuposto de que a história oral é uma metodologia de trabalho, é evidentemente necessário que ela esteja ancorada a uma atividade de pesquisa. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A história oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado” (Alberti, 1989: 12).

Ao tratar das etapas da história oral afirma Meihy:

“O primeiro momento - o da elaboração do projeto - é importante por definir critérios de procedimento, inclusive se o projeto trata de constituir um banco de dados ou uma pesquisa. Nesse caso, se for apenas um banco de dados, deve-se definir se haverá transcrições e de que tipos serão: literais ou

transcrições¹. Caso se trate, apenas, de recolhimento de depoimentos, logicamente o documento será a fita. Caso haja transcrição, seja qual for o tipo, o documento pode ser considerado o texto escrito, principalmente se autorizado pelo colaborador”(Meihy, 2002: 76).

Dois caminhos se apresentaram após as primeiras diligências e definiram o projeto que teriam a história oral como metodologia. Um era recuperar o que pudesse da parte perdida da historiografia dessa escola e outro comprovar o lugar social da escola no imaginário popular e sua ligação com a figura do diretor.

Entendendo-se por imaginário popular:

“A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas” (BACZKO, 1985: 403).

O Imaginário é composto por um acervo de relações imagéticas que agem como uma memória social-afetiva da coletividade em termos culturais é um substrato de idéias e conceitos mantidos pela sociedade. O imaginário social é coletivo em sua criação e manutenção, pois agrega as interferências do cotidiano. É uma das formas da sociedade perceber o seu entorno e construir um cabedal de regulamentos e viver nele como comunidade e não individualmente. Baczko infere que se pode conhecer um povo em seus anseios, temores e ideais através da análise do seu imaginário social.

A posição alcançada pela escola é uma construção no imaginário da comunidade da região onde se localiza a escola e do município no que diz respeito a fama do estabelecimento ter alcançado outros bairros e até cidades das cercanias. A questão é em que grau o diretor contribuiu para esse imaginário.

Ao ponderar sobre o autoritarismo ou autoridade do diretor as idéias norteadoras vieram ao encontro de Foucault, Sennett, Friedrich, Lafer e Arendt. De Fou-

1 Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, transcrição é a tradução, em sentido lato, de algo em que se põe tal criatividade que, alegadamente, o resultado vale como se fosse um original (HOUAISS, 2002). Para Meihy é a passagem da língua falada para a escrita mantendo-se o sentido e não a forma. Como se trata de uma intervenção no texto do colaborador este deverá ser consultado sobre o sentido escolhido pelo transcriador para as suas falas. (Meihy, 2002. p. 232).

cault foram absorvidas a noções de disciplina, poder e vigilância. A noção de poder como interação nos coloca como partícipes da relação desse poder que nos afligia enquanto alunos submissos ao tratamento que o senhor diretor nos fosse aplicar e agora nos remete a pensar que se havia o poder este era legitimado por nosso medo. Mas será que também não o seria por nosso respeito à autoridade do diretor como fundador da escola? A autoridade de fundador (Foucault, 1979) é fundamental para este trabalho.

O fator vigilância na construção da disciplina e os artifícios para alcançá-la levaram ao panopticon e esta idéia de um local central de controle visual é formidável para explicar a sensação de onisciência que as mentes infantis, minha e de meus colegas da época, sentíamos em relação à sala do diretor.

Sennett e sua obra *Autoridade* (Sennett, 2001) embasam as noções de pensamento coletivo atual que demonstram o medo das autoridades. Chama também a atenção para a palavra autor que seria, segundo ele, uma das raízes do vocábulo autoridade, e é nessa noção de autoria que o seu texto encontra com Mommsen² e sua visão de autoridade do fundador retirada da história romana e que também propalada em Arendt, como veremos mais adiante.

A integridade e a legitimidade são imprescindíveis à autoridade e a obediência voluntária que a caracterizaria. Ainda em seu livro “*Autoridade*”; encontramos a afirmação de que a falta de autoridade é mais temida que a autoridade (Sennett, 2001 p. 60).

O panopticon é definido e explicado (Sennett, 2001p. 83).

Em “*A corrosão do caráter*” (Sennett, 2004), Sennett oferece o estudo das alterações éticas decorrentes do capitalismo flexível que ajudam a entender as deformações sofridas pelos sistemas: educacional, familiar e político. Os projetos de curta duração, as gestões efêmeras, os trabalhos de curto prazo, tudo leva a relações não duradouras, não constroem narrativas sólidas. A gestão Milton Marinho Martins na Escola Municipal de Primeiro e Segundo Graus “Dr. Achilles de Almeida” foi longa,

2 Theodor Mommsen (1817–1903). Foi o maior historiador do século XIX em história clássica romana. Sua história de Roma é ainda de importância fundamental para a pesquisa contemporânea. O trabalho o mais famoso de Mommsen apareceu em três volumes entre 1854 e 1856 e versava sobre o período republicano e o governo de Júlio César. Sua obra se estendeu para o estudo da legislação romana. Suas discussões sobre a autoridade dos fundadores de Roma são preciosas.

quase quarenta anos, e estável. Tal permanência gerou laços de tradição com a comunidade, como as pesquisas levaram a acreditar.

Carl Friedrich (1974) em seu livro “Tradição e autoridade”; deu o norte sobre a autoridade como conceito em Ciência Política e Filosofia. Legitimidade e liberdade são basilares no entender a autoridade como categoria.

Celso Lafer (2003) definiu autoridade em Arendt e Arendt (2003) foi fundamental a este trabalho ao mostrar que a autoridade é a pedra angular de uma existência como a humana tão transitória. Seria pela autoridade que a tradição nos imortaliza e dá sentido. Os homens, como indivíduos passam, mas sua tradição fica, sua sabedoria subjaz. O respeito a essa antiguidade remete a autoridade e a legítima.

As nossas pesquisas demandaram metodologias específicas. Aproximar-se da trajetória de vida do diretor Milton, por ser ele uma figura central na história da escola e nela estar desde a sua fundação, assim como nos quarenta anos que se seguiram, permite o uso da metodologia da história oral de vida que segundo Meihy é:

“... o retrato oficial do depoente. Assim, a ‘verdade’ está na versão oferecida pelo narrador, soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. Pelo encaminhamento mais comum que se adota para a história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso importante, pois organiza a narrativa acima de fatos que serão considerados em contextos vivenciais subjetivos. A personalização do enquadramento da narrativa deve valorizar os vetores que indicam a história do indivíduo como centro das atenções” (Meihy, 2002. p.132).

Os outros pontos da pesquisa dizem respeito à possível importância dessa instituição de ensino na região e a relevância em pesquisá-la. No imaginário popular municipal havia mesmo a importância então creditada a escola? E o papel do diretor Milton na formação de tal imaginário foi mesmo fundamental? Os jornais da época seriam uma fonte excelente para tal análise. Como afirma Capelato (1988. p. 13): “A imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes”. Rodolfo Ferreira (1998. p. 26), em seu livro “Entre o Sagrado e Profano, o lugar social do professor”, afirma que Henry Lefebvre credita a imprensa o atributo de ser uma das melhores ilustrações do

imaginário social reconhecendo a imprensa diária e periódica como uma das melhores fontes para se compreender o imaginário social ao lado da TV e do RÁDIO.

O jornal mesmo que em comparação com outros meios de comunicação ascendentes ainda é uma importante força na formação do imaginário. Hobsbawm afirma que o jornal desde o seu aparecimento, há duzentos anos, provocou uma nova forma na maneira de ver, sentir e vivenciar o mundo sendo digno de atenção. Hobsbawm, ainda na introdução de *Era dos Extremos*, se rende ao uso da imprensa, afirmando que “à medida que o historiador vai se aproximando do presente, fica cada vez mais dependente da imprensa” (Hobsbawm, 2003. p. 9).

A história oral foi também utilizada em entrevistas com ex-alunos da escola: Luiza Corraleiro Zoltino Coelho, Rita de Cássia Araújo e Álvaro Marcolan Junior. Seus depoimentos serviram para elucidar questões como: diferenças entre épocas, outras opiniões sobre assuntos controversos, confirmações de informações e pontos de vista, suas sensações etc. Estes ex-alunos colaboradores foram escolhidos como sendo representantes das décadas da administração do diretor Milton que foi de 1951 a 1991, o recorte temporal deste projeto abrange a esse período.

Além de serem ex-alunos, outro item que importou na sua seleção foi serem professores na atualidade. Esperava-se assim que por força da formação profissional pudessem analisar a gestão da escola do ponto de vista pedagógico e administrativo.

Quanto à entrevista da Sra. Leonette Georges Kayal Stefano, vice-diretora durante grande parte desse período e sucessora do diretor Milton, não deve suscitar dúvidas a relevância de sua argüição.

Para E. P. Thompson (1979. p. 298), os processos e acontecimentos do passado apenas poderiam ser explicados de acordo com a experiência social dos agentes históricos. É em E. P. Thompson que nos baseamos para acrescentar a memória historiográfica os aspectos sociais que muitas vezes são desconsiderados pelos historiadores em detrimento dos econômicos. A investigação empírica confere racionalidade às atitudes normalmente chamadas de instintivas, irracionais dos homens comuns. As vozes do documento e as vozes das pessoas em um constante diálogo.

As entrevistas se explicam também na composição da época e na conjunção das narrativas que formam o contexto. Como afirma Paul Thompson a mistura de re-

latos é muito criativa, pois;

“(...) uma das grandes vantagens da história oral é que ela possibilita ao historiador compensar o viés presente nas fontes históricas habituais; por exemplo, a tendência de a autobiografia publicada provir das classes superiores ou dos profissionais de nível superior, que formulam e ordenam melhor as idéias, ou de líderes operários, e não de pessoas comuns do povo. Por isso, é importante considerar até que ponto o historiador oral poderia valer-se de algumas das técnicas de amostragem representativa desenvolvidas pelos sociólogos.” (Thompson, P. 1992: 167)

A memória desta escola é importante na formação do acervo histórico da educação em Sorocaba. E saber mais sobre a formação do imaginário sorocabano, além do interesse científico, também é uma prática que fortalece os laços culturais dos sorocabanos, dos sujeitos desta história.

“O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final”. (Benjamin, 1986: 223).

Em seu texto “O ensino médio e a reforma da educação básica sobre a gestão do ensino médio”, Marília Fonseca (2003) afirma que no quadro das políticas brasileiras para a educação básica, a direção vem sendo apontada como elemento fundamental para a construção da autonomia escolar. Documentos oficiais, elaborados com a participação do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento - BIRD, apontariam para a necessidade de capacitação dos gestores escolares e os credencia como fatores determinantes para a eficácia do atendimento escolar e para a liberação das verbas, pela capacidade de neutralizar o centralismo burocrático e para garantir um serviço mais condizente com as propostas descentralizadas da atual política educativa dos organismos internacionais de financiamento. Saber fazer o aproveitamento da capacidade instalada do setor privado seria primor-

dial para um bom gestor escolar.

Documentos do Banco Mundial, segundo Marília Fonseca (2003), afirmam a necessidade de fortalecimento da autonomia e da gestão escolar, com ênfase na liderança do diretor, a partir da adoção de medidas de treinamento intensivo em planejamento estratégico, abordando assuntos tais como mobilização da comunidade, gestão de recursos e planejamento da carreira do professor.

A gestão Milton Marinho Martins pode contribuir com futuras pesquisas que venham ao encontro destes assuntos. Conhecer o funcionamento de uma instituição que operou como que antecipando a essa gestão de resultados será sempre importante.

3. História oral

“O narrador – eis o individuo capaz de permitir que o pavio de sua vida se consuma inteiramente na suave chama da sua narração.”

Walter Benjamin

Quando tomamos a decisão de utilizar as técnicas da História Oral, o fizemos por acreditarmos que a exigüidade de fontes encontradas tornaria frágil o nosso trabalho. O “moderno”³ império do documento escrito, ainda condiciona nosso pensamento tão supostamente contemporâneo. Concordar com Thompson é fácil quando fala sobre a verdade do documento e a verdade da narração.

“A idéia de que o documento não é mero papel, mas realidade, converte-se aqui num delírio gótico macabro, num pesa-delo romântico. Não obstante, constitui um dos pressupostos psicológicos que sustentam a tradição empírica documental na história em geral, e não apenas na França.” (Thompson, 1992: 75).

A história oral recebeu, e recebe, críticas dos chamados documentalistas⁴.

Os teóricos foram levados a criar cânones e técnicas que trouxessem mais

3 O conceito de moderno a que me refiro é a idéia de “moderno” que foi empregada historicamente no ocidente. No século V de nossa era, o significado de moderno referia-se a *modus* (modelo). Posteriormente, a partir do século XII, moderno começou a ser compreendido como novo em oposição ao antigo e, bem mais tarde, com Baudelaire, no século XIX, moderno passou a ser entendido como transitório, em oposição não ao antigo, mas ao eterno.

4 Alistair Thompson utiliza esse termo em seu texto “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”, in: FERREIRA, M. & AMADO, J. (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

respeitabilidade ao método – eis aí outro dos mais quentes debates entre os documentalistas e o oralistas, se a história oral é uma técnica, um método ou uma disciplina – a nós esse anzol teórico não fisga.

Não estamos neste trabalho para classificar a história oral de uma forma ou outra, nem mesmo para defendê-la. Existe uma profusão de artigos e uma enorme plêiade de livros sobre o assunto. Para nós, só o fato de usá-la já por si demonstra nossa confiança.

Em sua apresentação para o livro “Usos & Abusos da História oral”, Ferreira critica o uso da história oral no Brasil afirmando que:

“Trabalhar com história oral no Brasil em geral ainda consiste em gravar entrevistas e editar os depoimentos, sem explorá-los suficientemente, tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico; também é comum a utilização de entrevistas, em associação com fontes escritas, como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos de pesquisa, sem que isso envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou de seus problemas (Ferreira, 1996: XI)”.

O nosso trabalho pretendeu não cometer alguns desses deslizes. Discutimos a natureza de nossas fontes, porém não altercaremos seu grau de importância, sua veracidade e pertinência com faz Lefebvre.

“Todavia, jamais a coisa escrita consegue suplantarmos completamente a tradição oral, a Palavra transmitida de boca em boca. Nunca cessa, portanto, o combate entre a Letra e o Espírito, com tudo o que isso possa comportar de interpretações abusivas, de heresias e de desvios (Lefebvre, 1991. p. 167)” .

Ainda sobre a natureza das fontes:

“O mérito da informação reside exclusivamente no fato de ser nova e desconhecida. Ela vive para o momento da sua revelação, entrega-se a ele e depende inteiramente dele. A narrativa, pelo contrário, não se gasta. Conserva todo o seu vigor e durante longo tempo é capaz de desenvolver-se. (Benjamin, 1975. p. 68)”

Para demonstrar que a história pode prescindir de explicações e análises,

Benjamin em seu texto “O Narrador” conta que:

“Quando Cambises, rei dos persas, conseguiu derrotar e prender Psamenita, rei dos egípcios timbrou em humilhá-lo. Deu ordens no sentido de que Psamenita fosse colocado preso junto à estrada pela qual deveria passar o exército persa em desfile triunfal. E, além disso, arranjara as coisas de forma tal que o prisioneiro teria de ver a filha dirigir-se à fonte, na condição de escrava. Enquanto todos os egípcios lamentavam e choravam este espetáculo, Psamenita sozinho ficou imóvel e sem dizer palavra, os olhos fixos no chão. Da mesma maneira se comportou quando viu passar seu filho que estava sendo levado para a execução. Mas, quando depois viu, entre as fileiras de prisioneiros, um dos seus criados, um pobre velho, bateu com os punhos na cabeça e evidenciou claramente o seu mais profundo pesar”.(Benjamin, 1975. p. 68)

Benjamin comenta as várias tentativas de Montaigne para explicar a reação de Psamenita e acrescenta:

“Heródoto nada explica. Seu relato é absolutamente seco, e é por isso que essa estória do velho Egito é capaz de provocar, ainda depois de milênios, admiração e reflexão. Parece-se com aquelas sementes que durante milênios jazeram hermeticamente fechadas nas câmaras das pirâmides, conservando até os nossos dias o poder germinativo.” (Benjamin, *ibidem*)

O exemplo de Benjamin é rico. Mostra a história como preexistente a explicação e sobrevivente a ela. Os documentos em papel ainda mantêm sua hegemonia e o enquadramento do fato em um referencial teórico também.

Para cada teórico sua teoria. No início realmente pensamos na história oral como documento, e não tínhamos problemas com relação a isso, mas com a idéia de também discorrer sobre a autoridade do diretor e a posição da escola no imaginário social e a construção desse imaginário, acabamos por reservar os depoimentos em história oral para esse fim.

Quando utilizamos documentos escritos – os recortes de jornais – a intenção não é confrontar os depoimentos numa acareação em busca da verdade, mas completá-los. Os documentos de imprensa que apresentamos com o epíteto de recortes,

e que estão registrados em formato digital nos anexos, servem como complemento. Os depoimentos orais demonstram lacunas, silêncios e esses silêncios têm significados importantes, os recortes não foram usados para tamponar os discursos ou reemendar as narrativas, estão colocados no trabalho numa perspectiva de construção de um pano de fundo da cena histórica e mais ainda, se prestam a nós como importante instrumento no desvelar dos imaginários sociais das épocas que estudamos.

Existem três possibilidades para se explicar o uso da história oral conforme Bom Meihy (2002. p. 24): primeiro, quando não existem documentos; segundo, quando existem versões diferentes da história oficial e, por último, quando se elabora uma "outra história".

Não esquecemos da boa e velha teoria da história e seu olhar crítico sempre perguntando: Por que ele esqueceu daquele fato? Por que outros não narraram este acontecimento? A que classe social ele pertencia? Em que acreditava?

Não abandonamos os conceitos teóricos de História e Memória (maiúsculos mesmo) e suas complexas relações, mas os abordamos numa perspectiva de história oral.

“Devido a essas características, a história oral ajusta-se particularmente ao trabalho por projeto — quer para estudantes em grupo, quer individualmente: em escolas, universidades, faculdades, na educação de adultos, ou em centros comunitários. Pode ser realizado em qualquer parte. Por todo o país, há um sem-número de temas que podem ser estudados localmente; a história de uma indústria ou de um ofício local, relações sociais em determinada comunidade, cultura e dialeto, mudança na família, o impacto das guerras e das greves, e assim por diante. Um projeto de história oral será certamente viável. Além disso, especialmente se o projeto enfatizar as raízes históricas de alguma preocupação contemporânea, demonstrará muito bem a importância do estudo histórico para o meio ambiente imediato (Thompson, *idem*. p. 29).”

Não há nada de errado em fazer uma história menos erudita ou próxima de assuntos prosaicos.

Muito já se falou sobre a isenção ou contaminação dos documentos por quem

os produz, e na história oral essa discussão tornasse acalorada. Normalmente se faz a contrapartida a essa acusação dizendo que os documentos escritos normalmente são produzidos por classes que estão próximas ao poder e refletem uma história autorizada e, portanto também parcial. Para Paul Thompson, que norteia a metodologia da história oral no Brasil e, até mesmo para Meihy, que é, segundo alguns teóricos, uma alternativa a Thompson ⁵; a história oral dá voz aos nunca ouvidos. Não que escuta apenas aos desvalidos, numa segregação às avessas, mas porque não ouve tão somente os poderosos, e sim aqueles que têm o que contar (Fonseca, 1997. p. 41). E todos têm. Afirma Alberti,

“Outros agentes históricos ganham eloquência. A visão do fato histórico tornasse diversa da visão antes propalada, pois o ponto de vista é diferente. A história oficial – a dos documentos oficiais e registros – é feita em um suporte produzido por uma classe e atende aos desígnios dessa classe. Na história oral, quem fala dá o ângulo para a análise. É uma abordagem feita de dentro para fora. Via de regra, o colaborador em seu depoimento evita fazer avaliações macro e quando as faz, acaba dando pistas sobre o imaginário social do seu derredor. É como diz Alberti, quando afirma que o depoente faz a recuperação do vivido” (Alberti, 1989: 5).

O Manual de história oral de José Carlos Sebe Bom Meihy (2002) em sua bibliografia dá uma visão ampla para quem quer saber mais sobre a evolução da técnica, além de indicar vários textos clássicos a respeito do assunto.

Também os livros: A Voz do Passado de Paul Thompson (1992) e História oral, A Experiência do CPDOC de Verena Alberti (1989), trazem para o neófito preciosas informações, suficientes para dar início a uma pesquisa; já Alberti se preocupa em mapear os caminhos para os futuros pesquisadores e os entrega já separados e arrolados em uma lista por assuntos. Estes livros são de consulta obrigatória na nossa opinião. Utilizamo-nos, como base em nosso trabalho, desses três manuais de história oral e vimos essa metodologia como sendo um recurso para construirmos ou reconstruirmos uma documentação e formarmos um acervo com ela.

5 Selva Guimarães discute estar Bom Meihy buscando uma alternativa à linha Thompsoniana de História oral tão em voga no Brasil. A variante de Meihy possibilita mostrar a imagem que as pessoas querem revelar das suas próprias histórias além de suas narrativas dos fatos presenciados ou conhecidos por elas.

A história oral é uma prática de apreensão de narrativa em meio eletrônico, a gravação, mas também é uma prática de análise sem a qual o trabalho perde sua dimensão histórica.

Como já nos referimos na introdução, os manuais são unânimes em afirmar que o primeiro passo é o projeto.

A estrutura do projeto deve levar em conta o tempo e a idade dos colaboradores - chamamos os depoentes de colaboradores; é menos policial - não podemos invadir a vida de uma pessoa achando que ela é quem deve respeitar o ritmo de nossa vida celerada. O compasso deve ser ditado pelo entrevistado.

Organizar a pesquisa, definir claramente os problemas e as hipóteses ajuda a explicar os propósitos da pesquisa e facilita na escolha e no convencimento das pessoas que serão convidadas a colaborar.

As etapas básicas da história oral são:

- A elaboração de um projeto e a definição dos objetivos dessa pesquisa;
- As gravações, o que envolve os contatos, a documentação e os equipamentos;
- A transcrição e a transcrição. Passagem da entrevista do meio eletrônico para o papel, um dos momentos mais demorados e difíceis;
- Análise dos documentos e últimas autorizações.

É na fase de elaboração do projeto que definimos se estamos construindo um acervo, conferindo versões ou criando novas versões. Para cada uma das finalidades deve-se desenvolver ajustes. No nosso caso, havíamos que construir um arquivo, mas algumas questões instigantes poderiam ser esclarecidas. A posição da escola no imaginário social da época como sendo uma instituição de excelência e a autoridade do diretor poderiam ser desvendadas. Dentro dessa perspectiva, há na história oral uma técnica conhecida como história oral temática. Como ressalta Meihy (2002. p.145) este procedimento é muito utilizado em trabalhos acadêmicos tornando-se já uma solução tradicional dentro da história oral..

Na história oral temática é possível articular as entrevistas como se estives-

semos consultando um arquivo documental. Os assuntos são abordados de forma específica e as entrevistas são bem diretas, porém o grau de conhecimento, ou seja, a pesquisa sobre o que se está levantando tem uma exponencial importância e deve estar claro para quem pesquisa aquilo que deve procurar, para não se perder nos meandros do pensamento do entrevistado.

A objetividade é uma característica marcante nessa técnica. Devesse insistir nos pontos que se quer levantar com uma grande tenacidade.

Quanto ao uso de questionário, é permitido, mas não é essencial desde que se tenha um norte claro a seguir. O questionário pode ser até enviado ao entrevistado para que tenha uma preparação. Nós não utilizamos neste trabalho de questionários por os considerar rígidos, mas de um roteiro, e também não abrimos ao entrevistado a possibilidade de saber o que lhes seria argüido para que não tivessem tempo de elaboração nas respostas e as tornassem fabricadas. Construídas não no sentido de inventadas, mas de serem artificiais. Como por uma questão ética teriam a oportunidade e mais que isso, o direito de ler as transcrições e cortar ou modificar o que não lhes fosse interessante publicar, não havia problema em não estarem previamente preparados para as respostas.

Uma característica importante do trabalho em história oral é a humanidade e respeito ao colaborador. Ele não está na relação como apenas uma gaveta a ser aberta e remexida. Sua condição humana é o centro ético da relação de pesquisa e, portanto, não deve em hipótese alguma sofrer reveses ou prejuízos evitáveis. Recolhemos autorizações para todas as entrevistas e apresentamos o texto transcrito.

Não tivemos problemas, as pessoas se orgulhavam em participar e isso também nos envolveu.

As autorizações referentes a este trabalho serão guardadas com as gravações, não sendo disponibilizadas no trabalho por conterem informações pessoais dos entrevistados. São necessárias estas concessões de entrevistas por várias razões desde as legais até mesmo éticas.

Os trabalhos e os vários manuais consultados de história oral, falavam nas gravações em fita e na preservação desse acervo magnético e seus problemas.

Discorrem sobre problemas de desmagnetização, efeitos do mau acondicionamento⁶ e armazenagem etc. Desfiam também, um rosário de dificuldades quanto a operação e custo dos equipamentos.

Imaginamos que com nosso parco orçamento não poderíamos adquirir um gravador de rolo, promover várias cópias de segurança e muito menos contratar estúdios profissionais.

Decidimos então, gravar em CD, tecnologia razoavelmente barata atualmente. Essa decisão abriu outras possibilidades. Foi possível disponibilizar todo o material anexando-o as cópias escritas que ficam na biblioteca da universidade. O CD de anexos, conta com todas as gravações, as transcrições e o acervo de todos os recortes, além deste trabalho na íntegra.

Quanto aos nossos entrevistados, não houve limitações quanto à publicação do áudio ou dos textos, desde que respeitado o uso acadêmico a que se prestaram. Essa decisão de publicação total é interessante, pois deixa para outros pesquisadores um manancial de fontes e pode ajudar a preservar melhor essa história.

⁶ O mais comum dos problemas de acondicionamento de fitas magnética é o *print-through*, ecos de som produzidos pela magnetização de áreas sobrepostas na fita. Fazer rodar as gravações pelo menos uma vez ao ano reduz a possibilidade de tal defeito, mas põe em risco a integridade do material.

3. 1. Autobiografia de Milton Marinho Martins

“A autobiografia é a forma mais elevada e mais instintiva com que nos defrontamos com a compreensão da vida. Nela se encontra o exterior, fenomênico, de uma vida, que constitui a base para compreender o que a terá produzido no interior de determinado meio ambiente (...)” (Thompson P, 1992. p. 77).



Figura 1: O diretor Milton Marinho Martins.

Esta autobiografia foi encomendada por nós ao diretor Milton. Queríamos que os leitores tivessem a oportunidade de conhecê-lo por suas palavras. As entrevistas, as atitudes e o que ele pensa de si é importante para formar o caráter do fundador/diretor do “Achilles de Almeida” e nos permitir avaliar sua gestão, ao mesmo em alguns aspectos.

São palavras dele e procuramos interferir o mínimo possível em seu estilo.

Nasceu em Tietê, Estado de São Paulo, aos vinte de novembro de 1921. Filho de Albertino Martins de Oliveira e Carlota Marinho Martins, ambos ituanos. Albertino era instalador da Companhia Telefônica Brasileira e Carlota, dona de casa, ou prendas domésticas, como se costuma dizer. Ainda pequeno veio residir em Itu, terra de seus pais. Foi alfabetizado em casa, pela sua mãe.

Matriculado, com oito anos, no segundo ano do Grupo Escolar Convenção de Itu, em janeiro de 1931. Seu primeiro diretor foi Antonio Firmino de Proença. Sua primeira professora Olímpia Amaral Moraes. Ao ser promovido para o terceiro ano, por ordem do diretor, juntamente com outros nove colegas, foi transferido para o quarto ano que era uma classe com poucos alunos. Houve então mudança na direção, e o novo diretor, professor Heitor Lisboa, julgou ilegal a transferência desses 10 alunos do terceiro para o quarto ano e determinou que nenhum tiraria o diploma ao final de 1932. Teriam que permanecer por mais um ano (1933) na escola para obter a diplomação. Parece-nos ter havido aí dois equívocos: um foi a transferência dos 10 alunos para o quarto ano; o outro, a permanência desses 10 alunos por dois anos no quarto ano. Aprovado no final de 1932 deveria retornar ao grupo escolar em 1933 novamente no quarto ano.

Ainda em 1933, o pai da família foi convidado a se transferir para Sorocaba como auxiliar de almoxarife, na mesma empresa em que trabalhava (CTB). Não titubearam. Como o objetivo destes pais era dar aos filhos a melhor educação possível, e em Itu não havia nenhuma escola pública secundária em funcionamento, vieram para Sorocaba onde um ginásio municipal havia sido criado em 1928. Sua mãe o levava a escola, o Grupo Escolar Antonio Padilha que ficava bem perto de sua casa e aí foi matriculado no quarto ano, classe do professor João Doretto. Diplomou-se e com distinção.

Em 1934, fez um ano de aulas preparatórias no curso que funcionava no prédio da Loja Maçônica Perseverança III. Obteve dispensa do pagamento das mensalidades devido ao baixo salário de seu pai. No final de 1934 ou começo de 1935 fez exame de admissão e foi aprovado com excelente nota. Novamente seu pai pleiteou gratuidade de curso, e a obteve por determinação do prefeito Nascimento Filho.

O ginásio funcionava à rua Dr. Álvaro Soares, onde hoje existe o Clube Estrada de Ferro Sorocabana. Houve trote e baile de calouro no Sorocaba Clube. Estava feliz embora os livros e materiais escolares fossem comprados com muito sacrifício.

Mas, seus pais se sacrificavam ao máximo para que seu filho mais velho pudesse estudar, mais tarde, com um diploma que lhe facilitasse a vida. E foi o que aconteceu. Em 1936 o ginásio municipal foi passado para os cuidados do Estado e transferido para a rua Dr. Eugênio Salerno (escola hoje conhecida na cidade como “Estadão”). Aí se formou em 1939.

Foi uma bela festa, com entrega dos certificados e baile de gala no Clube União Recreativo. O governo do Estado resolve então criar exame vestibular para ingresso nas escolas normais do Estado. Foi alcançado por essa inovação. Foi um exame difícilíssimo. Com mais de cem alunos inscritos, só passaram nove. A prefeitura não teria condições de fazer funcionar uma classe de primeiro ano com tão pequeno número de alunos. Fomos em caravana até a Secretaria da Educação do Estado e este resolveu abaixar a média. Então foram considerados como aprovados 29 candidatos. A prefeitura matriculou-os e as aulas se iniciaram. Dentre os professores da escola um era de notável capacidade - Renato Sêneca de Sá Fleury, autor de quase uma centena de livros didáticos. Segundo ele, o movimento escolanovista era a coqueluche entre os normalistas. Empolgava-se com as idéias de Lourenço Filho.

Em 1941 foi diplomado. No ano seguinte já substituía o reverendo Paulo Costivelli na cadeira de Biologia Educacional, a convite do mesmo. Começou a lecionar no seminário menor São Carlos Borromeu e na escola noturna de alfabetização de adultos da Perseverança III. Logo depois, começa a funcionar o Ginásio Ciências e Letras. Foi convidado para a cadeira de matemática. Era para ser um de seus donos juntamente com os professores – Luiz Almeida Marins, Genny Holil Milego, Albertino Manente, Cid Chagas, José Eduardo Nunes e Flávio Gagliardi. Faltou-me o dinheiro necessário para adquirir a cota que me reservaram.

Depois, a convite do professor Abdiel Lopes Monteiro começou a lecionar Geografia na Escola Técnica de Comércio, atual Organização Sorocabana de Ensino (OSE), e no ginásio municipal Dr. Getúlio Vargas. Em 1944, prestou concurso para professor de aulas gerais (Português, Matemática, Geografia e História) para o curso ferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS). Era uma só vaga. Sendo aprovado em primeiro lugar foi imediatamente empossado.

Logo depois, com a saída do professor Diógenes Morêns da direção desse curso passou a administrá-lo. Grande experiência pedagógica e administrativa. Foi convidado a fazer um estágio de 03 meses nas oficinas gerais da EFS para poder

melhor dirigir a CFO, curso de formação de oficiais da nossa extinta ferrovia Sorocabana. Durante esse curso estagiou em todas as áreas de produção. A aprendizagem era na prática e uma das tarefas foi aplicar a uma pequena peça de ferro várias técnicas. Quando recebeu a peça ela teria o tamanho de uma barra de sabão e quando pronta estava reduzida a menos que o tamanho de uma caixa de fósforos.



FIGURA 2: Peça de ferro niquelada ofertada ao diretor Milton.

Em 1945, casou com a professora Maria das Graças Nogueira Soares, de tradicional família sorocabana. Teve 03 filhos, Maria Helena, Maria Francisca e Milton Jr. Devido a sua militância católica, com 26 anos foi eleito vereador à Câmara Municipal de Sorocaba pelo Partido Democrata Cristão, com esplendida votação: 525 votos. Nosso colégio eleitoral era de pouco mais de 15.000 eleitores. Sempre foi eleito primeiro secretário de mesa. Esforçou-se bastante para corresponder aos anseios dos meus eleitores – batalhou entre outras coisas pela instalação de telefones públicos, ampliação da rede de agências dos correios, barateamento dos aluguéis de casas residenciais, vinda do Colégio Salesiano para a nossa cidade, ajuda ao congresso eucarístico de nossa diocese etc.

Em 1951 instalou e deu a aula inaugural do Ginásio Municipal Noturno, uma extensão do ginásio e escola municipal Getulio Vargas. O curso começou a funcionar à noite no prédio do Grupo Escolar Senador Vergueiro, na rua José Martins, 125, ao lado do ginásio de esportes municipal. Depois por indicação do vereador Edevar Frufu Marciano da Silva passou a chamar-se “Dr. Achilles de Almeida” e teve então vida autônoma. O dirigiu até 1991 quando foi compulsoriamente aposentado. Esteve afastado da direção só em 1955 por divergências políticas com o então prefeito.

Criou o grêmio e a biblioteca Dr. Achilles de Almeida assim como o Clube Filatélico e o Clube da Árvore, em uma época em que não se falava em ecologia. Foi a primeira escola pública da cidade a ter um ginásio de esportes coberto, graças à colaboração dos alunos e seus pais porque a ajuda da prefeitura foi insignificante. O próprio prédio inaugurado em 1972 na rua Manoel Lopes, 250, e construído pela prefeitura no governo Dr. José Crespo Gonzáles foi construído em terreno comprado da fábrica Santa Maria com dinheiro doado pela caixa de cooperação escolar da própria escola.

Nos anos em que houve centro cívico, por força da lei, contou com a eficiente colaboração da professora Carmelita Miguel Saker que foi sua orientadora. O civismo foi um ponto forte na sua direção e justamente por isso agraciado pelo ministério da aviação com a medalha mérito Santos Dumont, com a medalha MMDC pelos ex-combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932, com o diploma de Colaborador e Mérito do Exército pelo comando da II Região Militar, com as medalhas culturais “Aluisio de Almeida” do IHGG de Sorocaba e “Dom Aguirre” da fundação Dom Aguirre. Dos veteranos da força expedicionária brasileira (II grande guerra), recebeu as medalhas “Marechal Mascarenhas de Moraes” e “Mérito dos Ex-combatentes do Brasil”.

Da prefeitura municipal de nossa cidade recebeu o prêmio “Padre André Pieroni Sobrinho” como professor do ano 1988.

Em 08 de agosto de 1992, recebeu o “Colar Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar”, da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Em 2002 recebeu do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba o “Colar de Alvarenga e Heróis Anônimos da Revolução de 1932”.

Em 1941, quando aluno da Escola Normal Municipal Livre de Sorocaba (hoje “Escola Municipal Dr. Getulio Vargas”), foi eleito presidente do grêmio Varnhagen, entidade de grande prestígio na ocasião.

No governo do Dr. José Crespo Gonzáles foi Secretário da Educação e Saúde, quando conseguiu a construção do atual prédio da escola Achilles de Almeida. Em 1972 presidiu, as comemorações oficiais do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

É colaborador dos jornais Ipanema, Cruzeiro do Sul e Diário de Sorocaba,

juntamente com o Sr. Antonio Pedro Misiaro e o comendador Luiz Almeida Marins fundou o hebdomadário “O Líder” que não teve grande duração. Foi por mais de cinco anos diretor gerente da Folha Popular, diário que tinha como diretor o jornalista Vitor Cioffi de Luca, seu amigo.

É membro do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba que ajudou a fundar em 1954. Atualmente é primeiro secretário do mesmo; diretor cultural da Casa de Alúcio de Almeida; membro do Conselho de Cultura da prefeitura; orador do Gabinete de Leitura Sorocabano; diretor da Associação Sorocabana de Imprensa; membro da Academia Sorocabana de Letras e segundo secretário da Sociedade Amigos de Sorocaba. É interessante lembrar que ainda no velho prédio da rua José Martins chegou a expor no pátio, durante uma semana, o avião de treinamento Tamoio, do nosso aeroclube. Isto como parte das comemorações da Semana da Asa. Os problemas morais, éticos e religiosos, sempre foram tratados por ele com muito cuidado e carinho.

3. 2. As entrevistas

A primeira das entrevistas ocorreu em 12 de fevereiro de 2003 e foi com o Prof. Milton. Foram dois longos encontros em sua casa e alguns telefonemas. O ambiente era calmo e retirado, o que é perfeito para o que nos propúnhamos, porém problemas técnicos decorrentes da nossa inexperiência, geraram um material de gravação de nível técnico não muito bom. A ansiedade fez atropelarem-se um pouco as perguntas e as respostas, mas no computo geral foi uma grande lição.

As entrevistas estão reproduzidas na íntegra nos anexos, aqui se encontram as transcrições dos textos resultantes das entrevistas. Dentro do esperado, que era conhecer suas opiniões, forma de pensar e sua versão para sua administração, os objetivos foram alcançados.

3. 2. 1. Prof. Milton – Primeira Entrevista (12 de fevereiro de 2003)

No início da primeira entrevista ele narra que desde muito cedo tinha intenções de educador e que as pôs em prática um pouco pelo destino que o fizera nascer na classe proletária e outra por vocação. Sua história como estudante é *sui generis*. Foi alfabetizado em casa e passou por um problema durante o curso primário sendo obrigado a repetir um ano sem o haver merecido. Afirma ter feito um ginásio extremamente profundo com aulas de latim, francês, inglês todas baseadas em clássicos da literatura e ciência de cada uma delas e no original. Acredita que era necessário que assim fosse, pois a preparação para dar aulas posteriormente seria essa e se o curso fosse fraco o professor seria ruim. Os professores lecionavam por amor à profissão e ele assim o acredita, pois vários deles eram muito ricos e não necessitavam dar aulas para o seu sustento, eram médicos, advogados, militares. Teve como professores Júlio Bierrenbach, Dr. João Salerno, Albertino Manente, Júlio Pinto Ferreira, Galileu Pasquinelli, José Reginato etc.

Conta primorosamente, como foi a formação do Estadão e do Getúlio e como entrou para Escola Normal, sendo um excelente aluno.

Normalista formado fez concurso para professor na Sorocabana e passou em primeiro lugar. Sendo depois indicado para ser o diretor dessa escola profissional. Narra como foi difícil passar pelos estágios na Sorocabana. Teve que aprender o funcionamento de todas as seções antes de assumir a direção, o que lhe valeu boas notas e um enorme gosto pelo ensino prático e profissionalizante. Era um grande admirador da Escola Nova – seus livros preferidos estão em uma prateleira nessa sala e vários são de Lourenço Filho. Segundo ele, ser professor era algo importante e que dava bastante status social.

Perguntado sobre a importância dada ao fato de que atravessar a Ponte da

Rua XV de Novembro seria algo determinante na criação da escola, ele diminui essa perspectiva e diz que o interesse era mais reduzir a distância da caminhada para as crianças mais novas. Quando inquirido sobre a participação dos espanhóis na fundação do “Achilles” ele novamente reduz a pergunta dando a entender que o bairro já não era tão espanhol e que os espanhóis não eram dos povos os mais chegados ao estudo e cultura e até mesmo ele percebe ao dizer que a frase não era politicamente correta.

Falou sobre a sua carreira política como membro do PSP e as razões que o levaram a entrar no partido, sendo as promessas de Ademar de Barros para Sorocaba as principais. Nesse ponto discorre de forma muito divertida e interessante sobre a Sorocaba das primeiras décadas do século XX, conta casos e já esboça um pouco sobre suas idéias a respeito de disciplina.

Ainda neste primeiro encontro fala sobre as dificuldades em construir o prédio próprio da escola enfrentando divergências quanto a proximidade da escola estadual CEONC⁷ e de como o problema de clientela escolar foi resolvido. A saga popular em arrecadar dinheiro, pressionar o prefeito, começar a construção. Contou de como o vento destruiu a cobertura da quadra que tanto trabalho tinha dado para fazer; levou 20 anos, alega.

O episódio das saias, pelo que ele deixou transparecer, foi muito desgastante, pois o fez romper com um grande seu amigo, Vitor de Luca. Ficou magoado com o amigo por publicar em seu jornal uma reclamação de algumas alunas sobre a exigência da escola com o comprimento das saias, sem antes tê-lo ouvido. Contou de forma esmiuçada, a denúncia de fraude nos exames de admissão e de como processou o caluniador e posteriormente o perdoou.

No final desta primeira conferência, relatou como havia feito uma grande pesquisa antes de construir o laboratório de análises clínicas e de como ficou irritado e triste com a condição das escolas que visitou. Argumentou que em sua escola quando algo quebrava era imediatamente consertado, que os problemas não se acumulavam, eram resolvidos.

Termina a entrevista falando como é importante o diretor e os professores de

7 A Escola Estadual Otávio Novais de Carvalho é ainda hoje conhecida pela sigla CEONC.

uma escola serem os mesmo por um longo tempo, de como isso garante à escola um grau maior de dedicação e elogia enumerando seus professores.

3. 2. 2. Prof. Milton – Segunda Entrevista (03 de setembro de 2003)

Desta vez o foco do encontro foi diferente. As perguntas eram mais diretas e as respostas foram mais esclarecedoras.

Inicialmente falamos da vice-diretora Leonette Georges Kayal e sobre suas atribuições. Prof. Milton falou da origem estrangeira dela e de como ela passou a fazer parte dos quadros da escola. A pedido nosso, esclarece um pouco a ligação e o funcionamento da escola em relação a sua sede o Getúlio Vargas e deixa claro que havia uma grande independência entre as instituições.

Sempre voltando a relação a vice-direção e a direção, ele explica que apesar das pessoas não acreditarem, eles nunca discutiram, que sempre chegaram a um ponto de conciliação, mas percebemos que esse ponto era insofismavelmente o seu ponto. Quanto a ser o lobo mau da história, ele nega, mas depois com um sorriso deixa transparecer que a idéia já lhe passou pela cabeça.

Ao falar sobre autoridade, demonstra ser essa discussão algo que lhe interessa sobremaneira, pois como sempre soube que era acusado de ser autoritário, pelas costas é claro, tem um interesse grande por esse tema. Afirma que a verdadeira autoridade é aquela que não recua e diz ter sempre agido de acordo com as leis, leis que fazia conhecer a todos. Regulamentos que levaria ao bom convívio. Criticou os contemporizadores que rodeiam e não exercem o poder. Admite ter sido austero, e afirma, que muitos dos ex-alunos hoje o entendem e admiram. Não fica surpreso ao saber que os alunos o consideravam autoritário e se regozija quando é informado que o consideram bem apesar disso.

Quando perguntamos o que era a escola para ele. Respondeu ser um lar. Mas, quando dissemos se agia da mesma forma em seu lar, refletiu e concordou que mudaria algumas coisas. Fez digressões sobre os tempos e a educação de cada

período. Admite que hoje o contato com os alunos tem que ser maior e que discutir é importante. Faria, segundo ele, mais excursões, viagem e atividades. A idéia de sempre ter um grêmio estudantil é importante para ele. Assume que fez menos do que poderia, porém, está feliz com o que realizou.

Com relação à Dona Leonette ser a boazinha e ele o lobo, credita a diferença a personalidade dela, sempre apaziguadora, com voz mansa, era, sem dúvida uma pessoa preparada.

Deu alguns exemplos de como era sua forma de agir e sua noção de justiça e do fichário com 30 anos de ocorrências, que por infelicidade deixou na escola e que sumiu.

Contou como às vezes os professores agem de forma incorreta e levam a direção a agir erradamente para não desautorizá-los. Quanto ao tratamento dispensado aos professores, fazia reuniões regulares, infelizmente sem livro de atas. Esmiuçava o que esperava deles. As reuniões com os demais funcionários eram em separado, pois os assuntos eram outros, e deixava ainda mais claro o que queria, com exemplos, ilustrava suas ordens. Por exemplo, seus porteiros eram tão bem treinados que não deixaram o secretário da educação entrar na escola sem se fazer anunciar.

Explica algumas das dicas sobre disciplina que dava aos seus professores novos e de como agir com autoridade pode ser uma questão de coragem.

Fala sobre a sua formação “escolanovista”⁸ e sobre a sua admiração por Lourenço Filho e por Renato Sêneca de Sá Fleury. Novamente discutindo sobre autoridade ele condena os incompetentes, colocando que autoridade é também uma questão de preparação. O cumprimento das obrigações e a disciplina são, na sua visão, imprescindíveis para o sucesso e progresso.

Sobre indisciplina, afirma não ser um problema de hoje. A indisciplina existe desde que o mundo é mundo, porém na sua visão tem muito a ver também com a índole que é desenvolvida em casa com o exemplo paterno. Em sua opinião, exis-

8 Na pedagogia chamada de Escolanovista o professor é visto como facilitador no processo de busca do conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.

tem pessoas boas e outras que não o são. Muitos estão perdidos e desamparados, por que o mundo mudou e os pais já não têm mais tempo para eles, estão nas mãos de empregados que não os educam apenas os criam.

Quanto a sua administração, ele a aprova em noventa por cento e acredita também um pouco dos erros da escola aos pais que não preparam ou não enfrentam seus filhos e isso, em sua opinião acaba criando pequenos delinqüentes. Outros pais são piores que seus filhos. Para mudar a relação de disciplina, ele acredita que só com uma maior proximidade com os alunos.

Perguntei sobre o Panopticon de Bentham e ele não o conhecia. Expliquei que a pergunta se referia ao fato dos alunos acharem que ele era onipresente e onisciente na escola e ele riu e confessou ter informantes dentro das classes. Achava que os alunos o admiravam e não apenas o temiam.

Quando fala sobre os auxiliares que tinha na escola, como os porteiros, serventes, entre outros os considerava como sendo os seus braços direito.

3. 2. 3. Profa. Iza – Entrevista (16 de outubro de 2003)

A colaboradora Luiza Corraleiro Zotino Coelho, nascida em 10 de maio de 1943, e, portanto com 60 anos, é contemporânea da fundação da escola sendo que um dos seus irmãos é formando da primeira turma.

Como era pequena; seus pais não a deixaram estudar em uma escola de lá do centro da cidade e ela foi fazer o primeiro e segundo ano no “Achilles” com 10 anos de idade. Terminou a primeira série em 1955 e a última em 1958. Fez a escola primária no “Senador Vergueiro”.

Gostava do prédio do Senador por ser novo, mas não desgostava do “Achilles” pois era bem conservado apesar de bem velho. Uma de suas lembranças foi de ser mandada para direção por responder mal a um professor e nesse episódio lembra-se da sala da diretoria tê-la assustado, apesar dela achar a sala bem arrumada, bonita e com bandeiras. Descreveu "Seu" Milton como severo, mas não alguém que a destratasse. A impressão de criança que "Seu" Milton deixou nela é de um homem sisudo que jamais sorria. A preocupação com o uniforme lhe parecia exagerada. Os inspetores eram os mais temidos. O pátio era separado e havia dois filtros de água um para cada gênero. A imagem da escola era uma obsessão, ser encontrado fora do horário de aula com o uniforme da escola era falta grave. Os informantes do Prof. Milton pela cidade garantiam a vigilância. Uma vez ele foi buscar alguns alunos no cinema no centro da cidade.

Iza, como ela prefere ser chamada, nos falou que estudar era algo de muita importância, principalmente para os mais pobres e que isso dava uma outra perspectiva para a escola. Recorda que alguns professores eram admiráveis, outros não. Um pouco de medo dá respeito, mas tem que haver justiça.

As salas de aula tinham filtros de água também, mas ela não se recorda de

haver papel higiênico nos banheiros, acha que não.

Pedagogicamente, hoje as escolas são melhores, porém a organização e a seriedade do “Achilles” seriam difíceis de igualar. Os professores hoje estão aviltados até pelos meios de comunicação. Não havia a preocupação de fazer o aluno entender nada e isso é um ponto ruim da época.

Se tivesse que classificar, para ela Prof. Milton seria autoritário na medida em que não conversava com os alunos, não era imparcial se o caso envolvesse um professor. Ela não crê que "Seu" Milton usasse de informantes, ela não os percebia.

Enfrentou um regime rígido também no Getúlio Vargas, mas o diretor Otto Wey, era de mais diálogo. Quanto à administração do “Achilles”, essa era nota 10 já pedagogicamente, em uma análise feita com parâmetros de hoje, não daria 10.

Tinha orgulho da escola, nos jogos e desfiles e esse é para ela um ponto forte do "Seu" Milton. Ele ia a todos os eventos dos quais a escola participasse. Nem que fosse por alguns instantes. Mesmo a escola sendo de um bairro pobre, fazia bonito nos desfiles e jogos.

A visão que a população da cidade tinha da escola é que ela era excelente. Tanto que colocou suas filhas para estudarem lá e elas ainda elogiam a escola.

Iza narra uma história em que o Prof. Milton haveria se excedido e ofendido a filha dela usando de uma palavra mais pesada, não um palavrão. O marido de Iza foi ter com ele e se acertaram, porém sua filha ficou marcada pelo ocorrido. Novamente aparece a palavra injustiça, pois entre a palavra da inspetora e a dos alunos ele fica com a da inspetora de alunos.

O fato dos diretores e professores mudarem muito de escola atualmente é também apontado por Iza como sendo uma das causas da ineficiência, segundo ela, do ensino público.

O diretor, na visão de Iza, é a figura que dá o norte a escola. Ela conta de uma diretora que se aliou a comunidade e conseguiu que os próprios adolescentes problemáticos da região protegessem a escola. Com 41 anos de magistério, Iza acredita que o diálogo pode surtir mais efeito que a cara fechada. E acredita que realmente a educação mudou, pena que para pior.

3. 2. 4. Profa. Rita de Cássia – Entrevista (16 de outubro de 2003)

Rita de Cássia Araújo tem 44 anos, estudou na década de 70 no “Achilles de Almeida”, hoje é graduada em Educação Física e faz curso de Psicodrama Pedagógico.

Chegou à escola aos 12 anos, ainda no prédio da José Martins. Veio da Escola Cyrillo Freire, estadual, para a Escola Estadual Otávio Novais de Carvalho (CE-ONC) e só na 6ª série passou a estudar no “Achilles”. A impressão que teve do prédio era que se tratava de um casarão velho com um quintal que era chamado de pátio. O chão era de tábuas enceradas, não de sinteco. As salas eram enormes. As carteiras eram individuais. Foi assídua freqüentadora da diretoria e seu nome preencheu algumas linhas do famoso livrinho preto do Prof. Milton. Em sua opinião, alguns professores abusavam da sua autoridade. Lembra de ter seu caderno de cartografia rasgado e jogado no lixo pela professora por estar pintando um mapa com pontinhos. As inspetoras eram dignas de medo. E a dona Nair era dentre elas a mais “Caxias”. Os tamanhos das saias, usar camiseta sobre o sutiã, não usar blusas transparentes. A sala da direção era uma sala austera e escura, o livro preto ficava virado para o aluno e o “Seu” Milton estava sempre lendo. Foi levada a direção uma vez por estar vendo uma revista sobre partos.

As locuções diárias nos alto-falantes das salas estão também entre as suas lembranças mais fortes. Os alunos ficavam em pé nas salas para ouvir os recados do “Seu” Milton. Admite que os alto-falantes davam uma sensação de presença dele nas salas e na escola. Nunca o Prof. Milton foi ofensivo com ela, mas era firme. Certa vez, ele trouxe um grupo de alunos gazeteiros na caçamba de um pick-up de sua propriedade.

Quanto aos informantes, Rita acredita que existiam, mas não chegou saber

deles. Desconfiavam que os “cê-dê-efes” eram chamados para conversas de “dedu-
ragem”. Sabíamos que ele era informado de tudo. O grêmio existia e era controlado.

O banheiro era limpíssimo e com papel higiênico. Na escola velha eram anti-
gos com portas de madeira escura, privadas brancas. Uma época teve espelho,
depois sumiu. Já no prédio novo, tudo era muito arrumado e limpo. As salas eram
claras, amplas, com grandes janelas.

Os professores eram bons, aprendeu muito, segundo ela. Mas não era levada
a pensar. D. Leonette foi sua melhor professora. A professora Bernardete Stecca de
Educação Física lhe deixou saudades.

Havia uma enorme sensação de orgulho por estudar no “Achilles”, quem es-
tudava lá era mais bem visto na cidade. A escola era boa e os outros sabiam disso.
Quando saiu do “achilles” e foi estudar no CEONC não achou que tinha mudado
para pior, e que as escolas eram comparáveis em termos pedagógicos. A escola
também era limpa, os professores não faltavam, só que era bem menos rígida. A
idéia de superioridade, portanto era uma questão de imaginário e não tanto de reali-
dade.

Para Rita a obsessão do “Seu” Milton em alicerçar moralmente os seus alu-
nos poderia ter sido alcançada por outros métodos. O “Seu” Milton tinha obvias in-
tenções de levar a formações morais, mas era de boa vontade, com boa intenção. O
problema foi limitar demasiadamente e não deixar um canal aberto para discussão.
As regras eram até justas, mas não eram claras.

Rita creditou muito das atitudes e modo de agir do “Seu” Milton a sua forma-
ção e a época militar, afinal eram outros tempos. Não havia muito critério nas penas
aplicadas, quebrar a perna de alguém ou dar um grito, ambos poderiam receber o
mesmo castigo. E injustiça traumatiza, severidade não. As regras as vezes eram
aplicadas injustamente.

Aconteceu algo muito especial durante a entrevista. Eu estava verificando o
tempo de gravação e sem querer acionei o play e como estava reaproveitando fitas
que já havia copiado e, a voz do “Seu” Milton surgiu. E a Rita, num estalo, endirei-
tou-se na poltrona, quase em posição de sentido. Olhou desconsertada e sorriu.
Aproveitou então, e falou sobre reações condicionadas.

Quanto as suas lembranças da diretora Leonette, são as melhores possíveis.

Era uma pessoa de diálogo e calma. Lembrou que Prof. Milton era sempre presente nos jogos e desfiles.

3. 2. 5. Prof. Álvaro – Entrevista (29 de setembro de 2003)

Álvaro Marcolan Júnior é atualmente professor de Educação Física do Colégio Dom Aguirre e da UNISO, tem 39 anos e estudou no “Achilles” nos anos 70 e 80.

Ingressou no “Achilles de Almeida” de 1977, indo até 1982.

Na 5ª série o Estado o colocou no CEONC. Fez vestibulinho⁹ duas vezes e passou apenas no segundo já na 7ª série entrou no “Achilles”. Todos queriam estudar lá e por isso era difícil passar. Era o ideal de escola da época. Dava status estudar lá. Era uma escola mais puxada, uniforme completo, no estado usava-se o guarda-pó, que era horrível. O “Achilles de Almeida” parecia escola particular, escola de rico, da elite. Meu pai era operário e os pais dos meus colegas iam buscar os filhos de carro, eram sócios de clubes. O CEONC era maior e é óbvio mais largado, tinha brigas na frente da escola, essas coisas.

Álvaro fez o primário no “Senador Vergueiro”, que em termos de exigência era “pau a pau” com o “Achilles”.

Quando saiu do CEONC e foi para o “Achilles”. Álvaro conta que foi considerado como uma espécie de traidor pelos colegas da antiga escola. A escola não os tratava diferente por serem egressos do CEONC.

O prédio era impecavelmente limpo e cheiroso. A limpeza da escola era uma coisa gostosa. O banheiro era grande e era o centro das atividades dos garotos. O CEONC era enorme, um labirinto. No “Achilles” a noção de espaço era outra.

Ele conta que sofreu quando chegou ao “Achilles de Almeida”, pois não havia aprendido quase nada na escola anterior e havia passado; no “Achilles”, isso não

9 Vestibulinho era a forma local de se referir aos exames de admissão ao ginásio.

era possível. Teve que estudar e aprender. Mas não eram todos os professores que eram bons e cobradores. Muitos professores careciam de psicologia. E alguns, já no colegial, eram mesmo incompetentes.

Conta que adoravam o centro cívico, pois os alunos podiam ir para lá fazerem trabalhos e perderem aulas. Os inspetores eram os grandes vilões, mais os da manhã, à noite, eles já eram mais razoáveis.

As razões para ir à diretoria eram as mais variadas, Álvaro certa vez, foi advertido por conversar com as meninas. Era possível também ser punido por estar fora da escola no ponto de ônibus com o uniforme escolar.

A biblioteca era um lugar especial. Agradável.

Não se lembra dos faxineiros. É como se a limpa escola se mantivesse limpa por mágica. Lembra de funcionário levando e trazendo garrafas de café, mas de faxineiros não.

Dona Leonette, para Álvaro, era um símbolo de pessoa agradável. Ela atendia aos alunos e pais, sempre com educação e cortesia. Falava baixo e não dava bronca. Do "Seu" Milton tinham medo. Ele não dizia palavrões, mas saía do sério. Era autoritário, era necessário ficar em pé na sua presença. Todo dia ele falava pelas caixinhas de som das salas de aula. Eram avisos dos mais variados tipos. Durava mais ou menos cinco minutos e era diário e era na mesma hora, para dizer cheguei. Ele cobrava a participação em assuntos cívicos, e obrigava estar presente em desfiles, aniversários de datas cívicas. Suas preocupações eram administrativas, fazer a escola funcionar. Para Álvaro, perto do seu Valdomiro Ferrarezi, o diretor Milton era um anjo. O "Seu" Valdomiro dava tapas, beliscava, puxava cabelos; hoje, seria processado.

Os professores tinham medo do "Seu" Milton. Ele cobrava bastante. Ele os inspecionava.

A escola, segundo Álvaro, gozava de uma enorme boa fama na cidade e região. Já nós, alunos, achávamos que a escola era uma ditadura. Essa era a concepção de escola para o "Seu" Milton, e era o que ele fazia. Por outro lado, ele era um cara que saiu de baixo e era um exemplo de homem que era bem sucedido, correto, honrado e isso era importante.

Nos finais de semana a escola estava aberta para que os alunos a usassem, bastava pedir para o "Seu" Milton, fazer uma lista de quem iria e se responsabilizar por qualquer dano e pronto. E era legal poder jogar e usar o prédio. Ele costumava ir aos sábados na escola, mesmo quando não ia ninguém.

O fato de obrigar a ir aos eventos, desfiles, jogos era uma violência, tinha o maldito papelzinho. E isso é coação.

Como exemplo de injustiça, Álvaro conta uma história que muito o magoou. Ele foi reprovado em uma disciplina por 0,3. As professoras, para imporem sua autoridade, exigiram sua reprovação e a direção não enfrentou os professores e ele foi reprovado. No ano seguinte fez todas as disciplinas e daí sim deu todo o trabalho que não havia dado em outros anos. Hoje, trabalhando em educação, acredita que as coisas são mais difíceis de analisar do que imaginava.

3. 2. 6. Profa. Leonette – Entrevista (29 de setembro de 2003)

A professora Leonette Georges Kayal Stefano nasceu na cidade de Beirute, capital do Líbano, no dia 22 de agosto de 1934. É filha do Sr. Georges Daoud Kayal e Sra. Eugène Dib Kayal, já falecidos, e tem cinco irmãos: Jeannette e Mouna - professoras, Michel - engenheiro, Joseph - médico e Raymond - comerciante.

Em 1958, casou-se com o Sr. Nassib Stefano - contador e dessa união nasceram três filhos: Gisèle - enfermeira padrão, Paulo Roberto – professor no Achilles e Carlos Alberto - administrador de empresas.

Chegou ao Brasil em 22 de outubro de 1952, diretamente a Sorocaba, onde familiares, tios e avó já estavam radicados.

Sua escolaridade consta, além do Fundamental e Médio, antigo curso normal, feitos em Beirute e revalidados no Brasil, de duas licenciaturas: Letras e Pedagogia, com especialização em Administração Escolar.

Com 18 anos de idade e após três meses de permanência no país, iniciou suas atividades como professora de Francês, língua que dominava completamente, nas escolas mais tradicionais da cidade: OSE, "Getúlio Vargas", "Achilles de Almeida", "Ciências e Letras", "Cyrillo Freire", "Arquimínio Marques da Silva", "Anchieta", Ginásio Municipal e depois Estadual de Piedade.

Além da atividade de Professora de Francês (17 anos), exerceu o cargo de assistente de direção (19 anos) no "Achilles de Almeida" e de diretora (7 anos) da mesma unidade escolar. Participou das bancas examinadoras dos vestibulares da Faculdade de Direito de Sorocaba. Foi membro do Conselho Municipal de Educação. Foi chefe da Divisão de Educação da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Sorocaba.

Hoje, aposentada desde 1996, curte o amor pela escola, pelas crianças, pelos adolescentes, por Sorocaba, pelo Brasil e pelos brasileiros.

Sua entrada no “Achilles” foi como professora de francês, ainda muito jovem. Em 1956 o “Seu” Milton chegou a indagar se ela seria capaz de dirigir classes com pessoas na sua maioria mais velhas do que ela. Com o passar do tempo ele veria que ela nunca lhe traria problemas. Além de sua vocação para o magistério, pesou também em sua decisão de ser professora o reconhecimento das pessoas aos profissionais do ensino.

Iniciou no prédio ainda do “Senador Vergueiro”. O “Achilles” usava salas no andar superior e a salinha do “Seu” Milton era no térreo. Eram salas imensas, claras e bem cuidadas. As salas eram abarrotadas de alunos. Na José Martins, o prédio era muito mais antigo, algumas das paredes eram de taipa de pilão, quando caminhávamos pelas salas as tábuas balançavam. O “Seu” Milton arrumava o prédio e até construiu o pátio, um laboratório, uma salinha para os professores, um galpão, colocou telas de alambrado. Chovia muito dentro das salas de aula. As serviçais eram muito competentes e apesar do pátio ser parte de terra e haver goteiras a escola era impecavelmente limpa.

Apesar de acreditar que professores e atores têm muito em comum no que tange a vaidade, ela nunca se indispôs com ninguém.

Pedagogicamente hoje está melhor que na época, a formação é outra, mas as exigências também são outras. Quando assumiu a direção já providenciou algumas mudanças de quadros e uma democracia maior. Hoje em dia temos que conviver com pessoas com várias formações.

Hoje um aluno não reprovaria por um décimo de ponto e muito menos em apenas uma disciplina. Mas é o tempo e a lei que mudaram.

A perda da voz precipitou a ida de dona Leonette para a vice-direção. Ela e o Prof. Milton se acertaram e foi uma parceria vitoriosa. Tanto ela como Prof. Milton alegam nunca terem brigado por nada. Mesmo nas aulas, em 17 anos, nunca pôs um aluno fora de sala. Resolvia ali, com ele.

Havia uma divisão clara de tarefas. Ele ficou com a parte administrativa e ela com a pedagógica. Quanto ao uniforme, o aluno tem que ver que tudo tem sua razão de ser e que por mais que desgoste de regras elas existem e continuarão a existir.

Dona Leonette acredita que o "Seu" Milton era uma pessoa com grande autoridade. Seu temperamento era forte e sua paciência finita e isso talvez fosse confundido.

Ela passou anos, quase duas décadas organizando recortes e informações sobre a escola e ficou chocada de saber que esse material se perdeu. Era mais que um trabalho tanto para ela como para o "Seu" Milton, para eles era um projeto de vida, um sacerdócio.

Também tocou no assunto das relações entre os professores e a direção. As situações mais explosivas eram intermediadas por ela. Isso era uma atitude de inteligência já que poupava a última instância para os casos mais graves.

Dona Leonette afirma que não se considerava uma figura de gabinete, circulava pela escola e era uma presença constante. E confirma que as locuções pelas caixas de som serviam para avisar a todos da presença da direção, não só a dele Prof. Milton, mas a dela também. A idéia de Lobo Mau e Chapeuzinho Vermelho a divertiu, e ela crê que muitos alunos deviam mesmo enxergar assim. A minha atitude de evitar problemas para o Prof. Milton era parte das minhas atribuições e poupava a direção. Aluno conversando é problema de professor, aluno agressivo é problema de direção.

4. O imaginário Social

O pensador Pierre Ansart (1978. p. 22) designa o imaginário social como sendo um conjunto de “sistemas de representações através dos quais as sociedades se autodesignam, fixam simbolicamente suas normas e seus valores”

Ferreira afirma que

“O imaginário social, enquanto sistema de representação que existe em toda e qualquer sociedade, se institui expressando e reproduzindo as necessidades da população, os seus objetivos, seus desejos, sua cultura. Pode se apresentar como código de comportamento que baliza as condutas adequadas àquela sociedade, àquele grupo social, pois, afinal, na vida coletiva as normas, os valores, o papel de cada um, de cada grupo, das instituições, as identidades e até o que se deseja alcançar acabam sendo determinados, também, pela forma, ou pelo que a sociedade pensa acerca dos seus costumes, dos seus integrantes, dos seus objetos”. (Ferreira, 1998. p. 50)

Para Baczko, o anseio da coletividade expresso no imaginário pode ser uma boa indicação de como ocorrem as rupturas do tecido social e a violência. É no imaginário onde a opinião que a sociedade tem de si mesma aparece e demonstra-se a identidade daquele povo elaborando assim uma hierarquia de valores que remete aos detentores do poder.

Na vida em comunidade alguns comportamentos são considerados aceitos e outros censuráveis; instituições e praxes são adotadas e outras condenadas. As representações coletivas servem como parâmetros para a socialização dos integrantes da sociedade e, desse modo, exigem destes processos de socialização para a anexação dos elementos ao grupo. Daí a necessidade da educação, em particular

da educação formal, que surge como um desses processos.

A respeito da relação entre as lutas sociais e o imaginário Ferreira (1998. p. 52) diz que violência em uma sociedade de classes aparece inclusive pelas lutas que essas classes travam entre si.

Ainda na relação entre essas lutas e o imaginário, Marx no seu: “18 Brumário de Luís Bonaparte” mostra que, o imaginário social francês contribuiu para a vitória de Napoleão, dado que veio do campesinato a adesão ao imperador. O autor afirma:

“Através da tradição histórica originou-se a crença miraculosa dos camponeses de que um homem chamado Napoleão lhes traria de volta toda a glória. E encontrou-se um homem que se fez passar por esse homem porque ostenta o nome Napoleão em decorrência do code Napoléon (código Napoleônico): "La recherche de la paternité est interdite" ("É interdita a pesquisa da paternidade"). Depois de vinte anos de vagabundagem e uma série de aventuras grotescas, completou-se a saga e o homem se torna imperador dos franceses. A idéia fixa do sobrinho se torna realidade porque coincidia com a idéia fixa da classe mais numerosa dos franceses.” (MARX, p. 93).

Pode-se dizer que o imaginário social é instituído e legitimado por uma coletividade que se faz hegemônica. Assim o diretor Milton cria sua fama e é levado por ela. A escola assume o papel que se espera dela e o reafirma.

Um diretor permanece quarenta anos em uma mesma cadeira se é assim que se espera que faça. Foi refutado por alguns, mas reafirmado e legitimado e tinha autoridade pela maioria. Locke, ao contrário de Hobbes, via o povo como sendo intrinsecamente conservador e a favor da manutenção do poder nas mesmas mãos. Apenas mudanças que venham ser muito contrárias àquilo que a massa criou como imaginário do permitido, do ético, do moral e do progresso será rechaçado.

No caso do diretor Milton, sua habilidade em fazer política e a sua competência não devem ser esquecidas quando analisamos o seu tempo de permanência à frente da instituição, mas não é só. Na balança dos bons atos e dos mal feitos o peso dos últimos não foram tanto maiores, pois se fossem como vimos em Locke ele teria caído.

Para Henri Lefebvre, uma das melhores ilustrações do imaginário social é en-

contrada na imprensa, em jornais e revistas e foi com recortes da imprensa local que percebemos como a escola foi representada na mídia.

Não há instituição sem nada escrito. Sendo a coisa escrita a primeira institucionalização, ela se insere na prática social para captar a obra e a atividade, organizando-as. Esse fato vem mostrar o mecanismo inicial e constante das substituições. “A coisa escrita toma como referência ‘qualquer outra coisa’, como costume, prática, acontecimento, depois ela se torna referência. A coisa escrita substitui o referencial da escrita” (Lefebvre, 1991. p. 166).

Uma rápida comparação com outras escolas da mesma época deixa muito clara a vasta exposição do “Achilles”. O diretor tem grande apressado pela imprensa e convidava sistematicamente para as várias atividades da escola, isso desde a sua fundação em 1951. São 262 aparições no jornal, isso contando apenas os recortes que o senhor Milton guardou em sua casa.¹⁰

As participações na imprensa são consideráveis, leves e burocráticas nos anos iniciais, com o tempo vão adquirindo um tom mais pesado e algumas vezes de crítica ácida. Os alunos e os professores vêm na imprensa, reforçados, seus sentimentos de honra, dedicação e solidariedade. Aparecem alguns obituários de alunos e professores. Sempre a escola é citada como sendo exigente e de ensino forte e o seu diretor é por essa razão elogiado; algumas reportagens vangloriam a escola por reprovar muitos candidatos, tanto nos exames de admissão, como nos exames regulares da própria instituição.

Notícias sobre viagens e excursões aparecem com frequência, principalmente no início, o que denotaria a tal vocação para a pedagogia da Escola Nova, tão afeita as viagens de estudo. Assim como os políticos e o quadro discente e docente eram sempre citados, podemos acreditar que as solenidades eram também uma vitrina política e de egos, o que suscitava certamente ao grande comparecimento, outra constante afirmação. Há uma troca de carícias entre os políticos e a escola.

Outro destaque é a capacidade que a escola demonstrava de ser independente do poder público no que tange a conseguir construir salas, comprar equipamentos e aumentar seu corpo discente. As doações de máquinas, dinheiro ou maté-

10 Uma boa parte desses recortes de jornal estão nos anexos sob o título: Recortes

rias de construção, entre outros, eram agradecidas publicamente pela imprensa.

As participações em atividades cívicas, de esporte e de filantropia são a tônica desde os primeiros anos. A situação de ser uma escola em prédio emprestado e precário aparece regularmente, assim como as atividades do grêmio.

No que poderíamos chamar de o lado cruel das notícias, mesmo neles, vemos a escola tratada num tom de confiança.

Os casos negativos mais ressaltados foram: uma acusação de que em um dos exames de admissão a escola teria exigido matérias não condizentes com o currículo das séries; outra discorria sobre a alegação de que uma servente haveria ajudado um aluno a fazer a prova de admissão e a ainda, que algumas alunas foram impedidas de freqüentar as aulas por estarem com saias por demais curtas para o decoro da escola. Os três casos foram resolvidos em favor da escola e a ela tirou um resultado positivo até mesmo nesses eventos de diversidade.

É perceptível que as principais pendências políticas em favor da escola iam para a imprensa e a força da opinião pública se tornava manifesta. Publicar é uma forma de pressionar. As prestações de contas das festas e da Caixa de Cooperação Escolar, também eram publicadas.

5. Autoridade

Antes de discutir a autoridade do diretor Milton Marinho Martins, devemos conceituar essa categoria fundamental em nosso trabalho e aproveitarei para fazer um panorama geral dos referenciais por nós utilizados.

A palavra autoridade é de origem latina, um termo romano. *Auctoritas* é mais do que um conselho e menos que um comando. É conselho que é bom levar em consideração, pois, por exemplo, pode estar relacionado à sua segurança. É como quando o médico lhe diz para tomar cuidado com determinada coisa, ele deve saber do que fala e não seguir seu aviso pode-lhe ser danoso. De um modo mais abstrato, trata-se de acrescentar sabedoria à vontade, razão à força e ao desejo. Razão é o que faz um homem seguir a outro homem mesmo quando não está obrigado a fazê-lo. (Friedrich, 1974. p. 54) Sempre que não se possa oferecer uma prova lógica que justifique a ação, o raciocínio deverá depender da autoridade, veja que esse é o caso da política e da direção de uma escola.

Possuir autoridade é um meio de persuasão, mas não se engane, autoridade não é convencer. Se for necessário convencer é por que não se tem autoridade. Segundo Lafer(2003. p. 65), Hannah Arendt diferencia, a autoridade de poder da autoridade de força. Acredita Arendt (2000. p. 165) que autoridade deriva do verbo *augere* que significa aumentar, acrescentar, também alega terem sido os romanos quem nos deram a palavra assim como o conceito. Autoridade envolve obediência, porém, no entanto, não admite coerção, quando há o uso de força a autoridade não existe. Por envolver obediência pressupõe hierarquia.

Maquiavel retoma a autoridade nos moldes romanos ao defender a chamada razão de Estado, condição fundamental na construção dos estados nacionais. Entender o mundo de hoje e sua estrutura de poder sem passar pelo conceito de razão

de estado como em Maquiavel, mesmo após a globalização é difícil conceber.

Celso Lafer pergunta e responde.

(...) o que cabe perguntar é qual é a relevância do conceito de autoridade numa época onde ela se desagrega até mesmo no processo educacional, onde a crise da tradição, como aponta Hannah Arendt, impede que se estruture educação e autoridade para a escola poder servir de ponte entre o mundo privado da casa e o mundo público dos adultos? Sua relevância se encontra na frequência do fenômeno revolucionário, que a partir da experiência das revoluções Francesa e Americana buscou instituir pelo ato da fundação, que separa o não-mais (o passado) do ainda-não (o futuro), uma *novus ordo saeculo-rum*, que legitime a comunidade política e preencha a lacuna entre o passado e o futuro. (Lafer, 2003. p. 65).

Devemos perceber por fundação o acordo que nos une como seres que vivem em conjunto, ou o contrato que nos agrega politicamente. A revolução deveria religar, mas infelizmente temos visto que a tomada do poder só deflagra uma mudança de mãos, mas não de atitudes.

Para Hannah Arendt (2002. p. 129), o poder não necessita de justificação, mas requer legitimidade. Então se ele acontece é por ser legítimo em algum momento da compreensão dos subordinados a ele. A aceitação é, portanto, inerente à obediência. Os alunos não criaram as escolas, tão pouco a idéia de escola, isso foi trabalho dos adultos. Dessa forma, não podemos considerá-los como fundadores, assim como eles mesmos não se consideram. Isto posto, como não é uma atitude fundadora por parte dos alunos, não há tradição que legitime uma autoridade fundadora. É importante ver que o diretor Milton, como mostraram nossas entrevistas, detinha perante os alunos um certo grau de “fundador”, alegavam que a escola era dele ou que ele parecia ser dono da escola e essa era a autoridade da tradição que ele carregava. Sempre é bom lembrar que, efetivamente, foi ele quem deu a aula inaugural e dirigiu a escola por quase quarenta anos.

O conceito de autoridade em Arendt é fundamental para entender o funcionamento de uma organização de ensino e o que se deve esperar de um diretor de escola. A escola é uma mediadora, que atua entre a família e a sociedade, entre o

que quer o aluno e a disciplina que se espera dele no mundo, entre o saber e a competência que o Estado exige ou apregoa. O diretor é o intermediador que deve aproximar as partes, aparar as arestas e exercer sua autoridade sem deixar que ela se perca.

Assim como Arendt (2000), Friedrich (1974) também em suas análises inicia pelos escritos de Aristóteles e o raciocínio autoritário, conhecido como retórica, assim considerando que a autoridade é um meio e não um fim.

Ainda em Friedrich:

“Uma abordagem lingüística do problema da autoridade em termos modernos foi tentada por T. D. Weldon. Este comentou, no seu *Vocabulary of Politics*, que, até recentemente, não havia sido traçada uma distinção clara entre poder e autoridade e que é demasiado simples identificar autoridade como força correta ou justamente aplicada” (Friedrich, 1974. p. 53).

Em seguida, distinguiu quatro tipos de autoridade, indo desde a força pura até a confiança indisputada e, nessa base, afirma que a

"força exercida ou capaz de ser exercida com a aprovação geral dos interessados é aquilo que significa, normalmente, 'autoridade' ". Assim, se os seguidores quiserem crueldade, eles obedecerão a uma autoridade cruel” (Friedrich, 1974. p. 53).

O perigo de tal pensamento é nos levar a confundir autoridade com legitimidade, já que passa a ser uma decisão da maioria aquilo que vai nos governar. Pode haver autoridade, ou seja, indivíduos ou instituições chamados de autoridades, sem legitimidade, a história é prova em exemplos de ditadores que estão longe de ter um governo legítimo, mas que exercem autoridade. Weldon acrescenta um ponto à questão ao qual Arendt também se apegua. “Deverei obedecer a x por que razão?”

Se a dúvida apareceu x está prestes a perder sua autoridade, ou melhor, já a perdeu.

Ainda em Hannah Arendt (2000), vemos que tanto na prática como na teoria não estamos mais em posição de saber o que a autoridade realmente é. Há uma crise de autoridade no mundo moderno que primeiro se espalhou em áreas pré-

políticas tais como a criação dos filhos e a educação. É importante lembrar que a autoridade paterna, no seio da família, é uma manifestação histórica da autoridade, sendo aceita em grande parte das culturas como uma necessidade natural.

Autoridade não é poder, nem violência e quando o é, não é autoridade. Autoridade não é persuasão. Autoridade é sempre hierarquia entre desiguais, portanto, se assenta na legitimidade. Platão propõe a autoridade como uma alternativa à força e a persuasão e ressalta ser esta uma forma de resolver problemas políticos. (Arendt, 2000. p. 129).

Filosoficamente, Arendt credita a autoridade uma importância de pedra angular, de porto seguro para um ser tão transitório como o homem. A tradição é a sustentação da autoridade, e é imprescindível por ser o fio condutor que une as gerações. O ser humano tem que ser adaptado ao mundo e no mundo prover as mudanças e garantir as conquistas; a educação tem o papel de fazer essa passagem do infantil para o adulto e a autoridade exerce o papel de manutenção da tradição.

Na Roma antiga a força da autoridade repousava nos seus fundadores e quanto mais velha fosse uma pessoa mais próxima desses fundadores estaria e essa proximidade tornava um idoso respeitado e não o acúmulo dos anos e da experiência que estes certamente trazem. Para Arendt, como foi dito anteriormente, o termo e a palavra autoridade são romanos. Theodor Mommsen, Nobel de Literatura em 1902, escreveu um monumental tratado de direito público romano no qual se tem em vista não apenas o ente político, a república ou o império romanos, mas uma nova realidade, consagrada no idealismo de Hegel. Mommsen foi para Sennett (2001) como para Friedrich (1974) a referência no que diz respeito à etimologia da palavra autoridade. Já discutimos que o vocábulo autoridade vem do latim *auctoritas*, deriva do verbo *augere*, que significa aumentar, algo que se acrescenta contingencialmente ao poder. Autoridade é possibilidade de suscitar obediência espontânea e consciente, sem recurso à força, à coerção. As pessoas simples, quando se referem, respeitosamente, às palavras de um sábio, as denominam argumentos de autoridade. O direito público romano já fazia uma distinção entre *imperium* e *auctoritas*; aquele que era a forma em potência a qualquer momento desencadeada, *auctoritas* era a tradição e o respeito encarnados num órgão, no caso o Senado, símbolo vivo de um fastígio secular alcançado pela altivez, bravura e talento dos pais da pátria. Chamo atenção para o fato de ainda os estadunidenses se referirem aos seus vultos

históricos da colonização e da independência como funda

A crise da educação é explicada por Arendt (2000) como sendo fruto de três distorções. Primeira, a autoridade, que deveria estar no diretor, na coordenação e nos professores, foi transferida para os alunos como grupo. As crianças, os adolescentes estão no poder. E esse grupo é despreparado para exercer essa autoridade, descambando comumente para a tirania.

Em Furlani (2001) encontramos que:

“Educadores indisciplinados, numa escola indisciplinada, não podem oferecer ao aluno a convicção de que vale a pena o esforço persistente, a concentração, o autodomínio, a autocrítica, o sacrifício de tempo, de lazer, necessários ao "ser disciplinado". Ele só pode entusiasmar-se pelos objetivos e exigências da escola se tiver reconhecido seu esforço no sentido de fazer o melhor, se tiver oportunidades de repetição do aprendizado, se se sentir identificado com a escola e com os resultados que o estudo terá para sua vida”. (Furlani. 2001, p. 53)

Ao emanciparem-se as crianças, ao contrário do que se esperava, elas não foram libertadas e sim, sujeitas a uma autoridade tirânica, a dela mesmas. (Arendt. 2003, p.230)

Em segundo lugar, a dita pedagogia libertadora necessitava de um professor generalista, um “tudodologista”, porém não se formaram generalistas e ao invés disso, as especialidades foram desprestigiadas a ponto das matérias também não serem aprendidas. Não sendo competentes nas disciplinas que ministram, a autoridade desses professores foi abalada, surgiu a opção: professor autoritário ou o caos. “O professor não-autoritário não existe se não tem autoridade” (Arendt, 2003, p.231).

Libâneo (2003), em “Adeus Professor, adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente”; concorda com o despreparo diagnosticado por Arendt.

“(…) a desqualificação profissional do professorado é notória, porque os cursos de formação não vêm acompanhando as mudanças. Junto com isso, vem se acentuando a tendência de desprofissionalização e de decréscimo do con-

ceito social da profissão perante a sociedade. Entretanto, para enfrentarmos os desafios do avanço acelerado da ciência e da tecnologia, da mundialização da economia, da transformação dos processos de produção, do consumismo, do relativismo moral, é preciso fortalecer os movimentos sociais que lutam por um maciço investimento na educação escolar e na formação dos professores.” (Libâneo, 2003)

Para isso, há muitas tarefas pela frente, entre elas, a de resgatar a profissionalidade do professor, redefinir as características da profissão, fortalecer as lutas sindicais por salários dignos e condições de trabalho. (...)

Rodolfo Ferreira acrescenta à afirmação de Libâneo as de outros tantos estudiosos que também evidenciam a perda de preparo e, por conseguinte, de autoridade do professor em seu livro “Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor” (Ferreira, 1998).

E a terceira distorção apontada por Arendt foi o pragmatismo de substituir o aprender pelo fazer, essa atitude levou à cultura da competência e não da formação. Arendt ressalta a importância política da educação e da má educação para o futuro da espécie humana mais do que para os governos.

Sennett(2001, p.22), vê em todo laço afetivo uma relação política e diferencia o pensamento coletivo do individual, classifica a solidão como uma emoção de ausência, a fraternidade como uma emoção entre semelhantes, o ritual como uma união de diferentes e a autoridade como uma relação entre desiguais.

O principal ingrediente para a autoridade, segundo Sennett (2001, p.30), é a força da legitimidade e as principais qualidades de alguém que se possa chamar de autoridade são: a segurança, o julgamento superior, a capacidade de impor disciplina e inspirar medo.

Toda autoridade é temível, então por que gostar dela?

Por que ela traz a estabilidade e a ordem e um importante senso de integridade. A segurança é o esteio da autoridade e, portanto, existe o medo da não autoridade ou da falta dela. A raiz da palavra para autoridade também é a palavra autor, aquele que constrói. (Sennett, 2001, p.31).

Duas visões de autoridade aparecem na obra de Sennett (2001) intitulada:

“Autoridade”; para a análise das relações de poder ele escolhe Weber e quanto às relações baseadas na psique ele as fundamenta em Freud.

Weber também identifica a autoridade com a legitimidade. Obedecer sem cogitações, voluntariamente. Existiriam três categorias autoritárias: a tradicional, imemorial, baseada na tradição, na fundação; a legal-racional, baseada nas normas e direitos; e a autoridade carismática ou modelar (Sennett, 2001, p.35).

Em Freud, Sennet (2001, p.37) foi buscar a noção de reinfantilização das massas que se baseava na teoria de que cada ato paterno na infância constrói sua força em nós e, por conseguinte, sua legitimação pelo respeito..

No mundo moderno a pessoa passa a ser responsável por seu sucesso ou seu fracasso e a noção de vergonha, de ser dependente, se agiganta. Surgem as chamadas distopias (lugares imaginários onde tudo é negativo, a expressão vem do inglês "dystopia") ou parábolas negativas como a “Nós” de Zamyatin¹¹, “Admirável Mundo Novo” de Huxley e “1984” de Orwell.

Para Sennett o cidadão tornou o pastiche o cenário da autoridade. Para Orwell e Huxley, ser livre é escapar da autoridade, como se a liberdade fosse a antítese da autoridade e não pudessem conviver.

Em “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (Sennett, 2004, p.163), talvez por coincidência, no último capítulo deste livro, ele se refere também ao pronome “nós” e o qualifica como perigoso.

“Esse jogo de poder sem autoridade na verdade gera um novo tipo de caráter. Em lugar do homem motivado, surge o homem irônico. (...) Uma visão irônica de si mesmo é a consequência lógica de viver no tempo flexível, sem padrões de autoridade e responsabilidade. Contudo, Rorty compreende que nenhuma sociedade pode manter-se pela ironia; sobre a educação, ele declara: ‘Não posso imaginar uma cultura que socializou sua juventude de maneira a deixá-la continuamente em dúvida sobre seu próprio processo de socializa-

11 Yevgeny Ivanovich Zamyatin (1884-1937), autor russo. Sua obra “Nós” é a primeira novela distópica, uma precursora ao 1984 de George Orwell e ao Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley. Escrito em 1920, “Nós” foi publicada primeiramente em inglês em 1924. A História se passa no século XVI e é narrada por D-503 - na história todos são designados por números - há apenas um governo central ditatorial e todas as atitudes e atividades são controladas. D-503 se apaixona por uma revolucionária chamada de I-330, mas tudo “volta ao normal” quando ele é lobotomizado.

ção'. Tampouco a ironia estimula as pessoas a contestar o poder; ele diz que esse senso de eu não fará 'você mais capaz de vencer as forças reunidas contra você'"(Sennett, 2004, p.138).

Sennett amalgama a autoridade com a lealdade, a fraternidade, a solidariedade e ritual.

"Microfísica do poder" , como afirma o próprio título, estuda o poder, tantas vezes confundido com autoridade. Foucault começa por afirmar que o poder é uma relação e ninguém é seu dono. Onde há poder há, portanto, reação a ele, as relações de poder não são contratuais. O poder tem também um grande componente positivo e edificador sendo imprecisa a visão apenas negativa das relações de poder (Foucault, 1979, p. XIV a XVI).

Poder e autoridade se tocam em vários pontos e a disciplina está presente em vários deles. Para Foucault, disciplina é primeiramente um tipo de organização de espaço na qual os indivíduos são metodicamente colocados em seus devidos lugares, classificados, combinados. Tal metrificação facilita o desempenho das funções e o seu controle (Foucault, 1979, p. XVII). Em segundo lugar, o tempo é controlado e o corpo sujeito a ele em prol da eficiência e do melhor aproveitamento. E em terceiro, a vigilância onipresente e que não cessa, garantindo a manutenção do sistema. A disciplina não destrói o indivíduo e sim, ao contrário, o fabrica (Foucault, 1979, p. XX). Vale ressaltar que não é todo poder que fabrica indivíduos independentes e produtivos sendo aí que reside o perigo de um poder mal intencionado.

Se o poder só dissesse não, fatalmente não seria mais obedecido (Foucault. 1979. p. 8). O poder é uma relação entre o dominador e o dominado. É também em Foucault que encontramos o panopticon de Bentham descrito em mais detalhes e analisado em termos que melhor interessam a este trabalho.

O panopticon seria construído assim:

"O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado

a outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protege-a." (Foucault. 1979. p. 210)

A vigilância do panopticon vai além do simples vigiar, é um controle. A função não seria punir erros, mas evitá-los; o vigia e o camarada na mesma pessoa. A vigilância trocada pela total visibilidade. O panopticon é "uma peça de maquinaria diabólica" que torna a disciplina institucionalizada mediante a interiorização de sujeição mental através da vigilância. Surge a sociedade disciplinar que atingiu o seu auge no século XX. As novas tecnologias de informação e vigilância assumem o lugar do panopticon, mas não mais de forma presencial e sim rarefeita e virtual, porém com o mesmo efeito.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças ela dissocia o poder do corpo faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potencia que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (Foucault, 1997, p.119).

Foucault também toca no trabalho como um fator disciplinador nas escolas. (Foucault, 1997, p.223). O controle dos alunos é comparado ao controle exercido por George Pullman em suas cidades operárias e preconizado por Taylor e seu adestramento dos operários.

Voltando a Arendt e a perda da autoridade na escola e tirania dos alunos, en-

contramos um paralelo interessante quando Foucault pergunta se seria melhor a realidade se os prisioneiros tomassem as torres (Foucault, 1979, p. 227).

O “Vigiar e punir” (Foucault, 1987) é dividido em quatro partes: suplício, punição, disciplina e prisão. Foucault define o poder como uma situação complexa em uma dada sociedade. O panoptismo, no capítulo III do referido livro, herdado diretamente do panopticon de Jeremy Bentham se torna um conceito atual. O panoptismo tornou-se uma técnica moderna de dominação, na qual o indivíduo introjeta a repressão e a norma se impõe sobre a vontade, esse controle é tanto individual como social. As diversas formas de introjeção das normas repressivas são caracterizadas por aquilo que Foucault chamou de “micropenalidades”, presente no cotidiano concreto dos indivíduos, seja no controle do tempo e das atividades em geral, dos discursos do próprio corpo. O resultado é a “docilidade”, através da qual dá-se o uso dos corpos.

Na parte intitulada disciplina, ainda do “Vigiar e punir”(1987), Foucault estabelece quatro processos básicos de organização da disciplina como forma de capitalização do tempo: a) dividir a duração da atividade em segmentos sucessivos ou paralelos; b) organizar as seqüências segundo um esquema analítico; c) finalizar os segmentos e terminá-los por meio de uma prova; e, d) estabelecer séries de séries, prescrevendo a cada um os exercícios mais convenientes. Nesta perspectiva, portanto, o autor evidencia que esse tempo integrado à disciplina é linear, isto é, implica em segmentos, seqüência, seriação e término, porém com uma estabilidade evolutiva, que se caracteriza pelo progresso, qualquer semelhança com o *modus operandi* das escolas não é mera coincidência.

“A disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes, uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza ‘táticas’. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais eleva-

da da prática disciplinar.” (Foucault. 1987. p.141).

O “Vigiar e Punir” de Foucault evidencia como o adestramento pelo poder da vigilância e do controle objetivam tornar o homem dócil e, portanto, mais útil.

Para Libâneo:

“o diretor de escola é o responsável pelo funcionamento administrativo e pedagógico, portanto, necessita de conhecimentos tanto administrativos quanto pedagógicos. Entretanto, na escola, ele desempenha predominantemente a gestão geral da escola e, especificamente, as funções administrativas (relacionadas com o pessoal, com a parte financeira, com o prédio e os recursos materiais, com a supervisão geral das obrigações de rotina do pessoal, relações com a comunidade), delegando a parte pedagógica ao coordenador ou coordenadores pedagógicos.” (Libâneo. 2004. p. 111)

E ainda, para Libâneo (2004. p. 112), “o diretor tem uma importância muito grande para que a escola seja respeitada pela comunidade.”

Dentro das concepções desenvolvidas por Libâneo de organização e gestão escolar, o Achilles, no período Milton Marinho Martins, teria funcionado numa mistura de concepções.

A científico-racional,

“Na concepção científico-racional prevalece uma visão mais burocrática e tecnicista de escola. A escola é tomada como uma realidade objetiva e neutra, que deve funcionar racionalmente e, por isso, pode ser planejada, organizada e controlada de modo a alcançar melhores índices de eficácia e eficiência. As escolas que operam nesse modelo dão forte peso à estrutura organizacional, à definição rigorosa de cargos e funções, à hierarquia de funções, às normas e regulamentos, à direção centralizada e ao planejamento com pouca participação das pessoas. Esse é o modelo mais comum de organização escolar encontrado na realidade educacional brasileira, embora já existam experiências bem-sucedidas de adoção de modelos alternativos, numa perspectiva sócio-crítica” (Libâneo. 2004. p. 120).

A concepção técnico-científica

“baseia-se na hierarquia de cargos e funções, nas regras e procedimentos administrativos, visando à racionalização do trabalho e a eficiência dos serviços escolares. A versão mais conservadora dessa concepção é denominada administração clássica ou burocrática. A versão mais recente é conhecida como modelo de gestão da qualidade total, com utilização mais acentuada de métodos e práticas de gestão da administração empresarial. Algumas características desse modelo são:

- Prescrição detalhada de funções e tarefas, acentuando-se a divisão técnica do trabalho escolar.
- Poder centralizado no diretor, destacando-se as relações de subordinação, em que uns têm mais autoridade do que outros.
- Ênfase na administração regulada (rígido sistema de normas, de regras e de procedimentos burocráticos de controle das atividades), às vezes descuidando-se dos objetivos específicos da instituição escolar.
- Formas de comunicação verticalizadas (de cima para baixo), baseadas mais em normas e regras do que em consensos.
- Maior ênfase nas tarefas do que nas interações pessoais“(Libâneo, 2004. p. 122).

Fica, portanto, bem claro que a gestão não era democrática internamente nem aberta a intervenções externas.

Os ex-alunos que colaboraram com esta pesquisa deixam claro que não era uma gestão participativa e que a disciplina era feroz. A rígida disciplina aplicada aos alunos os moldava, mas também gerava uma sensação de segurança, de consideração. A sensação de segurança só não era maior por que nós não sabíamos todas as regras. Essa era uma característica despótica do período de gestão do diretor Milton? Será que dos outros diretores não? Ele afirmava que não exigia do aluno nada mais do que a lei, porém o aluno não conhecia toda a lei. É verdade também que muitos alunos não estavam interessados em conhecê-la e outros eram jovens demais para preocuparem-se com isso, também é verdade que não soubemos de alguém que tenha procurado conhecer todas as regras e tenha tido sua pretensão

frustrada. O que consta, é que muitas regras eram consuetudinárias e havia o pressuposto de que fossem de domínio público. O não conhecer a regra deixa a descoberto o dominado que se sujeita às imposições do dominador. Quando os plebeus exigiram a Lei das XII Tábuas (aproximadamente 450 a.C.), não demandaram por um conjunto de leis brandas ou favoráveis, mas quiseram simplesmente leis escritas, leis que não mais pudessem ser alteradas pelos patrícios ao seu bel prazer e necessidade. O Código de Hamurabi bem antes demonstrou a mesma lógica no século XVII a.C.

Os pais entregavam seus filhos a esta escola e a legitimavam como tutora; esperavam pelas ações disciplinadoras e pela rigidez. Permito-me uma especulação. Se a escola demonstrasse frouxidão e desordem será que os pais deixariam seus filhos permanecerem? Será que o diretor persistiria no cargo? Lembro que essa mesma população demonstrou capacidade de organização política e conseguiu muitas vitórias. Teria ela força para retirar o diretor que a desagradasse, se esse fosse o caso?

O dinheiro arrecadado era destinado pela direção de uma forma que agradava a comunidade. Não obtivemos informações de que outras sugestões de gastos do dinheiro arrecadado tenham sido recusadas. Parece que normalmente as decisões iam ao encontro das expectativas populares, como mais salas, mais equipamento, quadra coberta etc.

O panopticon existia mais na minha imaginação infantil e no campo da coincidência. Quando perguntado, o diretor Milton demonstrou desconhecer Bentham e suas teorias. E mesmo o prédio não se assemelha ao idealizado por Bentham. A disposição das classes do lado frontal da escola realmente guardava uma posição de visibilidade em relação à sala da direção, mas mesmo assim o diretor não nos poderia ver, era até mais fácil que nós o víssemos. Sabíamos que ele estava lá, isso era o nosso panopticon. Assim como Bentham apregoava que o panopticon deveria tolher o mau ato e não colhê-lo no ato de sua execução. Evitar para não punir.

O fato de ele admitir que sempre contava com informantes, contribuiu muito com o pensamento paranóico de onipresença que nutríamos a respeito deste diretor de escola. Sempre desconfiamos, mas nunca soubemos quem eram os "Isariotes". Apesar de tecnicamente a sua gestão não ser totalitária ou ditatorial, esse clima de delação e vigilância é típico desse tipo de governo, porém é importante ressaltar que

na época o país passava por momentos políticos de exceção, o Estado Novo de Vargas e depois pela longa ditadura militar.

O compromisso com a educação no sentido da disciplina não se restringia à escola, era cobrado com veemência e até violência também dos pais dos alunos. Era corriqueiro ver o diretor interpelando as mães no portão da escola sobre as faltas de seus filhos ou a respeito do seu asseio e dando-lhes verdadeiros sermões.

O cuidado com o uniforme era levado às raias do absurdo. Não se transigia quanto ao fato dele realmente ser uniforme, ou seja, igual para todos. Camisa branca de tergal, bermuda de tergal azul marinho, com meias três quartos brancas para os menores e calça azul marinho com meias três-quartos pretas para os maiores, sapatos da marca Vulcabras, modelo 752¹² de amarrar. No frio, blusa de lã sintética, azul marinho. Para as meninas a variação era a saia e o fato de só poderem usar meias três-quartos brancas. No final dos anos 1970 as meninas puderam vestir calças compridas como as dos meninos.

Éramos os cartões de visita da escola. Sempre arrumados e limpos. A direção considerava o quarteirão como seu território e quando de uniforme esse território se estendia ao planeta Terra. Isso na década dos anos 1970, com o passar do tempo essas exigências foram se diluindo e geopoliticamente os alunos ganharam o mundo.

Dentro da escola, havia outras divisões territoriais. Outros tratados de Tordesilhas. O pátio era dividido em território masculino e feminino. E o mais insuportável era que a cantina ficava do lado feminino. Os corredores superiores eram apenas para passagem, era vetada a permanência nessas áreas de trânsito. A quadra era para esportes, no seu horário apropriado e nunca de sapato.

As classes eram arrumadas com as carteiras tradicionalmente umas atrás das outras, equidistantes. Havia uma enorme lousa preta que ia do teto ao chão, as paredes eram brancas, a mesa do professor ao centro, uma bandeira nacional, um crucifixo e uma caixinha de som. Na minha época os móveis eram novos, de fórmica, nos prédios anteriores as carteiras eram aquelas duplas de madeira.

12 A Vulcabras (Companhia Brasileira de Calçados Vulcanizados S/A) foi fundada em 5 de junho de 1952, na cidade de São Paulo, iniciando no ano seguinte a produção de calçados de couro com sola de borracha vulcanizada conhecido como 752.

O prédio administrativo continha a sala da direção e dos professores de um lado e a portaria e a secretaria do outro, ficava ligado ao nosso por uma passarela ladeada por um gramado com árvores que nós plantávamos.

No pavimento do pátio, descendo a escada, havia outras salas de aula. Uma de Química, uma de Artes e uma de Biologia de um lado, do outro, o banheiro e vestiário masculinos, a cantina, a sala de Educação Física e, o banheiro e o vestiário femininos. No alto da escada, dividindo os braços formados pelas salas de aulas, estava a biblioteca. A sala de Educação Física era o único local da escola que poderíamos chamar de “bagunçado” pela própria natureza das suas atividades.

Os nossos professores não eram “tudologistas”, mas eram competentes e conheciam o seu “*métier*”. Eles possuíam nosso respeito quanto a sua sabedoria e postura profissional. Não faltavam e não enrolavam. Vestiam-se bem.

A escola era organizada e limpa, inclusive os banheiros. O diretor afirmou em uma das entrevistas que não deixava que nada quebrado ficasse sem conserto imediato para que não acumulasse, ou também, para que não estimulasse o vandalismo.

O que nos parecia é que todos cumpriam os seus papéis e nós também teríamos que fazer o mesmo. Os inspetores de alunos não eram fáceis, deixavam claro que a lealdade deles era para com a escola como instituição e não para com os alunos. Não transigiam nunca. Eram carinhosos quando éramos mais novos e iam ficando mais secos conforme envelhecíamos. Inspetores, porteiros, professores e demais funcionários, conheciam-nos pelo nome. Isso facilitava quando tinham que nos “entregar” por algum deslize.

Alguns profissionais da escola não gostavam do diretor, mas como Sennett afirma:

“falei dos laços de ressentimento que podiam unir os rebeldes ou descontentes às autoridades. Não são apenas a covardia, o medo da punição ou o terror que podem criar esses laços, mas algo que desce mais fundo sob a superfície das relações humanas. Enfrentar alguém é conhecê-lo e conhecer o próprio lugar no mundo. O que é temido nos outros pode ser sua potência, uma força da qual não se imagina poder prescindir. Na construção da metáfora paternalista, muitos dos elementos envolvidos na criação desse vínculo apare-

cem, de um modo ou de outro. A potência do superior é ampliada.” (Sennett, 2001. p. 113)

Na visão de Sennett, é legítimo que os subordinados se revoltam contra seus chefes paternalistas, pois o “amor” deles é condicionado ao resultado dos trabalhos e dirigido na direção egoística dos seus desejos apenas e desaparece quando os objetivos já foram alcançados. Uma bela frase de Sennett deixa clara essa relação: “os círculos intermediários do inferno de Dante estão povoados de pessoas que amavam a Deus mas seguiam Satanás” (Sennett, 2001. p. 42).

Uma fantasia sobre as chefia é que se o chefe desaparecesse tudo se resolveria, e não é assim. E ainda existe a idéia de que o verdadeiro líder é aquele que tira de nós mais do que pensávamos ter capacidade de dar (Sennett, 2001. p. 55).

6. História da Escola

A base deste capítulo foi a pesquisa levada a efeito e redigida por Milton Marinho Martins, diretor de 1951 a 1991 do estabelecimento conhecido como Ginásio Municipal Noturno e depois como Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Dr. Achilles de Almeida”. Esta narração recebeu informações de várias vias. A memória dos ex-alunos Iza, Rita e Álvaro, dos ex-diretores Milton e Leonette, e muitas colaborações de pessoas que de uma maneira ou de outra fizeram parte da história da escola. Eu mesmo participo com a minha experiência e memória.

Foi muito interessante ver como as pessoas querem compartilhar; recebi muitos relatos espontâneos, lembranças soltas do passado. A mixagem destes locais de memória é a história que apresento.

O documento que a escola guarda como sendo o seu memorial e foi usado para estruturar a construção deste outro texto. O nosso trabalho foi acrescentar, explicar e contextualizar as informações contidas no primeiro documento. Foram contornadas, dentro do possível, as afirmações de cunho muito pessoal do texto original que é do senhor Milton, e também foram evitadas as informações que não tivessem respaldo em documentação ou outros depoimentos.

Para prover com detalhes as informações apresentadas, utilizamo-nos da análise de recortes de jornais e dos depoimentos recolhidos dentro da metodologia da história oral; as transcrições desses documentos constam do corpo desta dissertação e as transcrições estão nos anexos.

As entrevistas de história oral foram efetuadas com o Prof. Milton Marinho

Martins, diretor e fundador¹³ da escola “Achilles de Almeida”; com a Profa. Leonette Georges Kayal Stefano, vice-diretora no período da gestão do diretor Milton e sua sucessora na direção da mesma; com a ex-aluna Profa. Iza Corraleiro Zotino Coelho, que estudou no “Achilles” no final da década de 50 e início da 60; com a ex-aluna Profa. Rita de Cássia Araújo, estudante da instituição na década de 70 e, finalmente, com o ex-aluno o Prof. Álvaro Marcolan Júnior, que morava em frente à escola, e que a freqüentou nos anos 80. O fato de sua casa estar situada em frente ao portão principal da escola nos deu algumas informações sobre os costumes e horários do diretor, em relação à escola e das demais pessoas que iam ao estabelecimento de ensino fora dos horários normais das aulas.

Muitas outras pessoas poderiam ser entrevistadas e até mesmo se ofereceram, mas nosso interesse era apenas representar as épocas.

O uso de alguns dados recolhidos nestas colaborações orais foi fortuito, pois como afirmamos anteriormente, a história oral não nos serviria apenas como fonte histórica documental, nossa intenção com ela era diagnosticar aspectos sociológicos. Nosso maior interesse, no entanto, foi estudar na administração do diretor Milton a categoria autoridade.

No final da década de 1940, Sorocaba contava com aproximadamente setenta mil habitantes e tinha oito escolas chamadas secundárias - Ginásio Estadual "Dr. Júlio Prestes de Albuquerque", o Ginásio Municipal, Escola Normal Municipal Livre de Sorocaba, o Santa Escolástica, o Colégio Ciências e Letras, a Organização Sorocabana de Ensino, o Anchieta, a Escola Profissional "Cel. Fernando Prestes" e o Seminário Menor "São Carlos Borromeu".

A Vila Hortência e o bairro do Além Ponte, onde se localiza a Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Dr. Achilles de Almeida”, sempre foram conhecidos em Sorocaba como “Cebolândia”¹⁴ numa jocosa, ou talvez preconceituosa, alusão à sua origem espanhola. A rua dos Morros, atual rua Coronel Nogueira Padilha, a fábrica Santa Maria, a casa de Quinzinho de Barros, o Ginásio Municipal de Esportes e a

13 O uso no texto da palavra fundador carrega o sentido que Arendt credits aos fundadores de Roma e que lhes dava, pela tradição, autoridade sobre a cidade. (Arendt, 2003)

14 A área compreende os bairros: Barcelona, Vila Haro, Jardim Martinez, Jardim Dias e Morro do Garrido, as vilas Assis e Hortência. Temos um texto nos anexos sobre o assunto com o título Cebolândia. <<www.cruzeironet.com.br/sorocaba/rondanosbairros/hortencia.shtml>>

Chácara Amarela, são alguns dos locais históricos deste que é o bairro dos imigrantes espanhóis.

Sérgio Coelho de Oliveira (2002) afirma serem as fábricas sorocabanas uma das razões que atraíram os imigrantes espanhóis ao Brasil. As fazendas de café de Botucatu, Itu e Piracicaba também o eram.

Os fazendeiros de café, movidos por costumes ainda escravistas, via de regra, tratavam mal os imigrantes - os espanhóis não eram exceção. Era, portanto, comum que estes, para entrarem no Brasil de forma legal, conseguissem de algum fazendeiro de boa vontade uma "carta de chamada" 15 para não serem obrigados a cumprir o tempo regimental nas fazendas em difíceis condições de vida e de trabalho.

Essa forma de migração foi incentivada por um fazendeiro sorocabano conhecido como Quinzinho de Barros. Para as famílias espanholas que queriam vir para o Brasil e não estavam no programa oficial de imigração, Quinzinho de Barros mandava cartas de chamada ao governo de Espanha. Era conhecido como "compadre de todos os espanhóis", pois estes lhes davam muitos de seus filhos para batizar como forma de gratidão.

Em um artigo publicado no *site* "Ronda nos bairros" do Jornal Cruzeiro do Sul - encontrado na íntegra nos anexos¹⁶ - o articulista Carlos Araújo mostra a característica marcadamente espanhola do bairro e cita que:

"Às vésperas da virada do milênio, a Vila Hortência tem moradores que trazem na memória acontecimentos do início do século, e marcos do século XIX preservam essa história. Um exemplo é a antiga Chácara Amarela, ao lado do Ginásio de Esportes, onde Manuel Lopes de Oliveira fundou, em 1852, a primeira fábrica de tecidos da então chamada Província de São Paulo. Nomes de algumas ruas e o perfil de muitos moradores mostram a predominância da colônia espanhola na formação e consolidação do bairro. A Vila Hortência é um bairro consolidado. Falta espaço geográfico para

15 Era o documento no qual um fazendeiro encomendava um imigrante para trabalhar em suas terras esse documento era o "passaporte" de entrada para o novo mundo.

16 A decisão de incluir como anexos os sítios de Internet se explica pela sua fugacidade, saem do ar com grande facilidade e a citação, no nosso entender, fica sem possibilidade de análise pelo leitor que queira consultar as fontes na íntegra.

crescimento. (...) Sérgio Coelho lembra que a Vila Hortência teve uma fábrica de sinos. Na década de 1920 o bairro tinha arenas de touradas, raias de corrida de cavalo, campo de aviação.¹⁷ (“ RONDA NOS BAIRROS” do Jornal Cruzeiro do Sul).

Ainda Sérgio Coelho afirma que é um engano dizer que não existiu no Brasil uma colônia tipicamente espanhola, assim como houve a italiana. Esta sua opinião, certamente não leva em consideração que os autores estão citando bairros exclusivamente de imigrantes e não predominantemente de imigrantes.

"Não houve bairros tipicamente espanhóis nas cidades do interior ou na capital, ao contrário do que ocorreu com os italianos". Essa afirmação é do historiador Herbert Klein em seu livro "A imigração espanhola no Brasil", um dos estudos mais completos e detalhados sobre o tema, editado em 1994. Compartilha da mesma opinião, a historiadora espanhola Elda González Martínez ao tratar de imigração espanhola, na cidade de São Paulo, no livro "Reflexiones en torno a 500 anos de História de Brasil" (OLIVEIRA, 2002. p. 11).

Certamente, esses dois autores não conheceram Sorocaba. E se conheceram, não atravessaram a ponte, não subiram a antiga rua dos Morros e nem sentiram o cheiro da cebola restiada¹⁸ e espalhada ao sol em plena rua, como se fosse enfeitada para passagem da procissão de Corpus Christi. Não conheceram o Além Ponte ou a Vila Hortência, pois se o fizessem, teriam reconhecido na feição daquela gente os traços marcantes do povo ibérico ou identificado na blasfêmia e xingação irreverente o mais puro vernáculo de Granada ou Almeria. É necessário entender o bairro para compreender a história da escola.

No início, uma das inquietações que moveram este trabalho foi saber se a criação da escola fora ou não promovida pelos habitantes imigrantes da localidade. A leitura do livro de Eliane Mimesse, “A educação e os imigrantes italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar” (2001. p. 26), demonstrou o valor dado pelos imigrantes italianos à educação.

17 ARAÚJO, Carlos. "Cebolândia" cultiva histórias nos símbolos e na memória do povo. <<www.cruzeironet.com.br/sorocaba/rondanosbairros/hortencia.shtml>>

18 Réstia é uma espécie de corda trançada feita com talos de taboa nas quais se prendiam as cebolas como que se em cachos; dessa forma arranjadas poderiam ser transportadas e comercializadas mais facilmente.

Durante todo o período estudado, foi possível verificar a atenção que a comunidade dispensou à escola. As inúmeras dificuldades encontradas pelos italianos, desde sua chegada nas terras até a construção de suas casas, não os impediram de reivindicar a escola para seus filhos. Com o passar dos anos a escola tornou-se necessária para os adultos, porque as relações comerciais foram se ampliando.

Por um bom tempo acreditamos que o mesmo desejo houvesse colaborado para a criação do Ginásio Municipal Noturno, embrião da escola Achilles de Almeida e alvo de nosso estudo. Posteriormente, nas entrevistas com o diretor Milton, que como já dissemos é o “fundador” da escola foi-lhe levantada a questão dos imigrantes espanhóis participarem do movimento popular que culminou na criação do recinto de ensino, ao que respondeu, sem titubear, que não.

Disse que os espanhóis não tinham tal nível de preocupação com o estudo ou cultura, fez até comparações com outros grupos de imigrantes que, o seu parecer, eram muito mais interessados por questões relativas ao estudo. A análise do diretor Milton foi fruto de uma avaliação precipitada em relação aos espanhóis. Mesmo ele sendo testemunha ocular dessa história, não poderia avaliar tais interesses visto que nunca averiguou cientificamente o que afirmava, baseou-se apenas em sua impressão pessoal quanto ao interesse dos espanhóis pelo estudo e quanto a participação da colônia espanhola no evento da campanha pela fundação do ginásio noturno no bairro.

Os espanhóis se esfalfaram em manter suas tradições e cultura. Criaram clubes e instituições; mantiveram a colônia unida em torno de suas tradições e terra natal mantendo ligações estreitas com o consulado espanhol. Também em várias passagens, Sergio Coelho (2002), narra a importância dada por vários espanhóis aos estudos, e a sensação de honra quando falam das escolas que freqüentaram ou que seus pais ajudaram a criar, criaram ou dirigiram. Francisco Dias Lopes, em depoimento para Sérgio Coelho diz ter muito orgulho por haver batalhado pela construção do Grupo Escolar da Barcelona.

Outro ponto que levantamos com o diretor Milton foi sobre uma afirmação que constava de um documento sobre a criação do Achilles. Diz o referido apontamento que a criação da escola foi em decorrência da necessidade de não atravessar a ponte sobre o rio Sorocaba. O movimento popular reivindicando a criação de um ginásio, a fim de que os jovens não precisassem transpor a ponte para se matricular

numa escola da “cidade” levantou a idéia de territorialidade, também contestada pelo diretor Milton em sua primeira entrevista, que faz parte dos anexos deste trabalho.

(...)

Entrevistador:

Eu entrei nesse pormenor da ponte exatamente por uma questão de Geografia.

Eu conversei com o Professor Paulo Celso da Silva, e ele estava falando que seria um bom caminho procurar por esse problema de atravessar a ponte.

Sr. Milton:

Era mais por uma facilidade.

Mais por uma facilidade... Olha, se locomover de lá do Além Ponte aqui para a cidade, mesmo para fazer ginásio diurno, crianças pequenas de onze anos que terminavam o grupo escolar, era um problema, pois é, a ponte era um problema, mas, não era um problema assim tão grave, mas era um problema.

As crianças teriam que atravessar... (Prof. Milton – Primeira Entrevista - Anexos)

Porém esta visão do problema apresentada pelo diretor Milton, não é compartilhada pelo historiador sorocabano Sergio Coelho: (...) Comecei na terceira série e no ano seguinte fui obrigada a parar, porque não existia a quarta e meu pai não deixava atravessar a ponte para ir à escola da rua das Flores, (atual rua Mons. João Soares). (Oliveira, 2002. p. 53)

A ponte sobre o rio Sorocaba, entre as ruas XV de Novembro e Cel. Nogueira Padilha, antiga rua dos Morros, era o grande divisor de duas culturas em conflito, conforme relatam todos os velhos espanhóis. De um lado da ponte estava a cidade dos sorocabanos tradicionais, enquanto do outro, às margens da rua dos Morros, estava a população pobre, de gente estranha, de língua estranha, os espanhóis. Dois povos que se temiam, que se estranhavam, que não se aceitavam e daí o cuidado de um pai em não deixar a filha atravessar a ponte e ir estudar na cidade. Havia muito preconceito, especialmente da parte da cidade tradicional em relação aos imigrantes.

O populoso bairro do Além-Ponte possuía dois grupos escolares - o da Árvore Grande e o "Senador Vergueiro". Iniciou-se, então, neste bairro, um movimento popular reivindicando a criação de um ginásio. A professora Francisca Vaz liderava o movimento. Segundo o diretor Milton, ela era conhecida como Dona Chiquinha e era professora da Escola Visconde de Porto Seguro, que também funcionou por um bom tempo na Chácara Amarela.

Este prédio, a Chácara Amarela, tem uma história interessante. Há mais de 150 anos, nesse local, foi fundada a primeira fábrica de tecidos da Província de São

Paulo, pelo comendador Manuel Lopes de Oliveira em 1852. Era uma pequena fábrica de tecidos de algodão, a qual, segundo informação prestada pela Câmara daquela cidade ao Presidente da Província, em data de 12 de Janeiro de 1854, somente funcionou por muito pouco tempo, sendo obrigada a fechar suas portas "por falta de pessoal capaz de dirigí-la".¹⁹ (Nardy Filho)

Segundo Silva (2000. p. 45), a fábrica de Manuel não passou de uma tentativa fabril que chegou a produzir 300 onças de fio por dia em 1857, e como diz o autor, não se sabe por quantos dias e se o produto foi comercializado.

"O problema que levou ao encerramento das atividades da fábrica teria sido inicialmente a não especialização da mão-de-obra, composta de escravos trabalhando como operários. Ainda, lembra-nos Silva que, apenas este aspecto não explica por si só a derrocada da fábrica, mas também o contexto econômico da época. Estava Sorocaba no ápice das Feiras de Muares, sendo esta a atividade econômica de verdadeiro interesse local; também a matéria-prima de baixa qualidade deve ter contribuído. O próprio Manuel Lopes de Oliveira, em depoimento enviado ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1864, explica que fabricou apenas fio, pois faze-lo tecido não valeria a pena". (SILVA. 2000. p. 45).

A Chácara Amarela, que no início dos anos 1950 já abrigava uma escola, receberia outra. A primeiro de março de 1951, a professora Lúcia Magalhães, do Ministério da Educação, através da Portaria nº 138, autorizou a Prefeitura Municipal a criar um ginásio noturno naquele bairro, como extensão do Ginásio Municipal, que funcionava na Av. Dr. Eugênio Salerno com o nome de Ginásio Municipal "Dr. Getúlio Vargas". Foi uma festa para o bairro.

Criar uma extensão e não uma escola nova era bem mais fácil. O governo federal dificilmente dava autorização para novas escolas e mesmo quando criava uma nova escola isso só vinha ao final de um longo e árduo processo que esbarrava em entraves políticos e econômicos. Segundo o diretor Milton, seria um problema ligado a centralização do poder governamental, a burocracia e o fiscalismo de Getúlio Var-

19 F. Nardy Filho. São Paulo e o início da indústria de tecidos de algodão - Especial IV Centenário de São Paulo. <<www.cruzeironet.com.br/sorocaba/rondanosbairros/hortencia.shtml>>

gas.

Os fiscais federais fiscalizavam as escolas mensalmente e de forma rigorosa. Portanto, a forma de atender a demanda da população foi fazer uma extensão da permissão de uma escola municipal já existente e autorizada.

Respondia pelo cargo de diretor o professor Milton Marinho Martins, porém não com essa designação. Usava de artifícios como: professor chefe, responsável pelo expediente etc. Não havia, portanto, um nome para o cargo que exercia.

O diretor da escola era o diretor da Escola Getulio Vargas, o Prof. Mario de Almeida, porém, o diretor Milton agia de forma independente, apenas informando duas decisões ao seu superior imediato. Como ele mesmo narrou, prestava contas depois de agir e havia um bom relacionamento entre eles.

Nesse mesmo mês de março de 1951, o Ginásio começou a funcionar no prédio da Rua José Martins, 125, onde estava instalado o Grupo Escolar "Senador Vergueiro", sob o controle do Estado. Foi instalado pelo prefeito Armínio Vasconcelos Leite, obedecendo à orientação do prefeito anterior, Dr. Gualberto Moreira. O vereador que propôs a criação dessa escola foi o professor Alberto Rossi.

O Prof. Milton Marinho Martins, ministrou festivamente a aula inaugural e dirigiu o estabelecimento por quarenta anos, com apenas uma interrupção, por motivos políticos, no ano de 1955. Ocupou a direção, então, por quase um ano, o professor José Fernandes Galduroz.

Já em 1951 a escola inicia sua carreira de longa duração nos periódicos sorocabanos. Uma de suas primeiras aparições é no jornal Cruzeiro do Sul, em 22 de setembro de 1951, e no O Tempo, em 23 de setembro de 1951. Em ambas as reportagens, fala-se da eleição da "Rainha dos Estudantes". Ao lermos as citadas notícias, podemos notar que os articulistas não fazem menção à inauguração da nova escola, o que levanta a questão de provavelmente não serem as primeiras notícias publicadas sobre o ginásio. É possível perceber também que o Ginásio de Esportes Municipal é usado pela escola e que já existe um grêmio estudantil em atividade.

Em 1952 são feitos os primeiros exames de admissão para o Ginásio Municipal Noturno.

Em recorte da Folha Popular de 3 de abril de 1953, notamos a relação entre

as escolas “Achilles” e a Getúlio Vargas; tratar-se no anúncio da procura de professores de Matemática e Português e requer-se dos interessados que se apresentem no endereço da escola Getúlio Vargas. Quando da sua criação, ainda como Ginásio Municipal Noturno, o “Achilles” era uma extensão do Getúlio Vargas e esse tipo de contratação era um encargo que deveria parecer ser feito pelo diretor do Getulio.

No final de 1953, em dezembro, é inaugurado com muita solenidade o laboratório de ciências da escola e pela primeira vez percebemos algo que viria a ser uma das marcas registradas dessa instituição de ensino. A comunidade e a escola, de forma independente, providenciam as melhoras que vislumbram obter. Essa situação era para o Estado bastante conveniente, pois o liberava de cuidar do que seria sua obrigação de governo, deixando-a ao cargo do diretor e da comunidade.

O diretor Milton, que havia sido diretor da Escola de Ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana, acreditava na formação profissional. Ele se considerava um adepto da Escola Nova e leitor de Lourenço Filho. No Brasil, as idéias da Escola Nova foram introduzidas já em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). No século XX, vários educadores se destacaram, especialmente após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Podemos mencionar Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971), como nomes importantes dessa história pedagógica. Um conceito essencial do movimento aparece especialmente em Dewey. Para ele, as escolas deviam deixar de ser meros locais de transmissão de conhecimentos e tornar-se pequenas comunidades.

Em sua primeira entrevista fica clara a frustração do diretor Milton quando não conseguiu concretizar seu sonho de criar um internato e viver em uma comunidade educacional retirada. No Achilles, os passeios eram muito incentivados. Eu mesmo fiz várias visitas a fábricas, empresas e outros locais considerados relevantes para a nossa formação, porém os conteúdos eram rigidamente aplicados e as normas disciplinares eram padronizadoras e a espontaneidade não era incentivada.

Também, em outro aspecto, notamos claramente uma visão ufanista e patriótica nos discursos, tanto da direção como dos alunos. Como afirma Circe Maria Fernandes Bittencourt:

"O poder educacional paulista delineou para a História um estudo destinado a 'mostrar a nossa capacidade para o trabalho', enquanto a Geografia informava as nossas riquezas

minerais e agrícolas; a imensidão territorial pronta a ser explorada pelas técnicas agrícolas avançadas e pelo progresso das indústrias. Aliava-se o conhecimento sobre as formas de exploração das riquezas com a formação do povo brasileiro encarregado historicamente de transformar a nação em um país rico diante do mundo civilizado. O brasileiro patriota deveria realizar-se pelo trabalho produtivo, dirigido para o fortalecimento do 'bem comum'. Explicitava-se a partir de uma argumentação nacionalista a necessidade de construir uma educação única e integral, voltada para a organização do trabalho e do trabalhador” (BITTENCOURT. 1990. p. 136

A formação do cidadão brasileiro, desse novo cidadão republicano, era uma idéia importante na educação das novas gerações, a capacidade para o trabalho também. Preocupações com memória através das festas comemorativas ou eventos de homenagens aos heróis nacionais, as datas nacionais, o hasteamento da bandeira, o hino pátrio, eram fundamentais na prática escolar. A Escola era o espaço ideal da nação para formação do cidadão republicano.

Ainda na visão de Bittencourt (1990), a restrição do direito de voto para os analfabetos tornava a escola o local de formação dos futuros eleitores e a escola era vista como a solução das desigualdades sociais. As tradições serviam para reinventar o contrato social e Incentivar o sentido coletivo de superioridade das elites (espírito de coesão nacional, reforçando a memória).

Também Souza discute essa práxis, se bem que o faça em um recorte temporal anterior ao da fundação do Achilles de Almeida. Ela chega mesmo a designar essa idéia como “liturgia política da República” (Souza. 1998. p. 241). Os depoimentos recolhidos dos ex-alunos e do diretor nos mostraram que a escola, da sua fundação até os anos 80, ainda valorizava sobremaneira o culto ao civismo e, em um recorte do ano de 2004 – anexo no arquivo de recortes como: 25-02-2004 – o diretor Milton se gaba de ainda o Achilles comparecer aos cultos cívicos.

Em 1953, acontece a formatura da primeira turma de bacharelados do Ginásio Municipal Noturno. Alguns detalhes chamam a atenção. Primeiro, a sempre grande afluência de autoridades locais e até mesmo estaduais ou federais; segundo a estratégia de sempre convidar a imprensa para os atos da escola.

Os primeiros formandos foram:

Agostinho Fábio Curralero; *²⁰
Alfredo Madureira Netto;
Ana Gavarron Garcia; *
Antônio Antunes de Lemos;
Ary Aparício Machado;
Ayrton Tardelli;
Carlos Silva Telhi;
Dalwalmy Carvalho Pinheiro;
Deoclécio Hebert;
Dirce Beranger Diniz; *
Domingos Angelino Ribeiro;
Eneo Garanhani;
Esmeralda Antunes de Souza;
Flávio Rodrigues; *
Jacob Nali;
José Barberi;
José Benedito Galvão de Macedo; *
José Tebet;
Manoel Daltro Braga;
Miguel Garcia; *
Odilon de Oliveira;
Odir Júlio Pedrazzi;
Paschoal Brunetti;
Roque Mendes; *

20 Os asteriscos destacam os alunos de descendência espanhola, as informações foram conseguidas com a colaboradora Luiza Corraleiro Zotino Coelho, seu irmão foi da primeira turma.

Rosa Martinez; *

Rui Coelho Filho.

Sônia Moncayo Garcia; *

Estavam presentes na formatura: o diretor Mario de Almeida, prof. Milton Marinho Martins, prof. João Teixeira, prof. Sidney Corra, profa. Tala Miguel Laino, prof. Haraldo de Souza, prof. Arnaldo Marinho Martins, profa. Ana Furigo, prof. Jurandir Pavoreto, prof. Cláudio Maques Silva, prof. Antônio Pedroso de Souza, profa. Jácinta Palombo, Mary Madureira Scarpa, Mary Darienzo Favoretto e o prof. Benedito Pereira Cardoso, diretor do Grupo Escolar "Senador Vergueiro".

O pequeno número de espanhóis, dentro do que foi possível levantar, reforça a posição do diretor de que a escola não surgiu por intuito dos espanhóis, mas o que não se discute é que ela foi resultado de organização popular.

Na formatura, alguns alunos que se destacaram foram presenteados com mimos em ouro e prata dentro do espírito das premiações descrito por Rosa Fátima de Souza.

“Na cidade de Leme, em 1901, Juvenal Penteado, impressionado com a inauguração do grupo escolar, criou quatro prêmios anuais de cem mil-réis cada um; destinados aos alunos de cada seção do grupo que mais se distinguiram nos exames finais. Nesse ano, dois desses prêmios foram concedidos aos alunos que se diplomaram com notas de distinção e louvor e notas de distinção. Constituíam-se cada prêmio de uma medalha de ouro com as inscrições no verso: *Prêmio Juvenal Penteado*, circundando-a no centro - *ao mérito*. No re-verso - *Grupo Escolar de Leme*, no centro - 1901. Ganharam, ainda, os respectivos alunos um relógio de prata dourado e uma corrente” (SOUZA. 1998. p. 248).

Em 1954, o Ginásio Municipal Noturno mudou-se para a rua Fernão Salles nº 33, acompanhando o Grupo Escolar "Senador Vergueiro", que passara a ter prédio próprio, construído pelo governo do Estado. Abrigava, então, aproximadamente, duzentos e cinquenta alunos. Importante afirmar que na época era o único ginásio noturno gratuito. O prefeito Emerenciano Prestes de Barros foi homenageado por permitir a mudança da escola para o prédio do Senador Vergueiro. O Grupo Escolar Senador Vergueiro ocupava um prédio de dois pavimentos que lembrava muito uma

casa de fazenda. Rodeado de jardins, tinha, descendo as escadas em direção aos fundos, um grande pátio coberto de telhas onde ficavam os banheiros. Ficava na rua de trás da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos e dava fundos com uma bela praça. Um ponto a se destacar, a escola se localizava do outro lado da movimentada rua principal do bairro e do lado oposto ao da futura clientela que viria posteriormente arrebanhar.

Pela Lei Municipal n.º. 420, de vinte e oito de dezembro de 1955, por sugestão do vereador Edward Frufru Marciano da Silva, passou a chamar-se Ginásio Municipal "Dr. Achilles de Almeida". Segundo opinião de próprio prof. Milton, "andou bem a Prefeitura ao dar a esta escola secundária, como patrono, o nome do Dr. Achilles de Almeida", pois foi ele o segundo diretor do ginásio fundado em 1928 e mantido pelo poder público municipal. Nessa época, o diretor era José Fernandes Galduroz, o diretor Milton afastou-se por motivos políticos, porém retornando no ano seguinte e já assinando com diretor da escola.

6. 1. Biografia do Dr. Achilles de Almeida

O Dr. Achilles de Almeida, que empresta seu nome ao grêmio e à escola, nasceu em Botucatu, a vinte de junho de 1890, sendo seus pais o Sr. João Thomaz de Almeida e Dona Maria Virgínia de Moura.

Com dezessete anos de idade veio fixar residência em nossa cidade, depois de se formar professor pela Escola Normal "Peixoto Gomide", de Itapetininga, e de se aperfeiçoar na tradicional Escola Normal "Caetano de Campos", da capital do Estado.

Aqui se casou com Dona Ana Zizina Arruda, também professora, filha de tradicional família desta região. Tiveram cinco filhos: Zulméa (falecida aos dois anos de idade), Levy, Zulméa, José Antão e Maria Leandrina.

Granjeou a simpatia e a amizade de muitos sorocabanos, por ser inteligente e comunicativo. Além de professor, formou-se advogado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na capital paulista.

Foi redator-chefe do jornal local "Cruzeiro do Sul" e deixou dois livros de poemas - "Minha Seara" e "Alma Simples"²¹.

Destaco como exemplo de suas poesias:

21 A guisa de curiosidade e análise, algumas de suas poesias estão nos anexos como Poesias.

RAYMUNDEANO

Pensei que vinhas, quando olhei a estrada.

E a estrada solitária se estendia
monótona, comprida, iluminada
pelos clarões da tarde que morria.

Da pelos fundos vales, à chegada
dos prenúncios da noite úmida e fria,
como um grande aranhol, imaculada,
a névoa coroava a serrania.

E veio a noite. E a noite a tudo invade,
E eu rezei em voz trêmula, baixinho,
a terna Ave-Maria da Saudade...

E a noite veio. E me encontrou sozinho,
privado o coração de outra metade,
esperando-te a beira do caminho.

Depois de deixar a direção do Ginásio Municipal, passou a exercer a função de Consultor Jurídico da Prefeitura. Foi um dos fundadores do Asilo Educandário Santo Agostinho. O ex-diretor da escola, professor Mário Antônio de Almeida Pellegrini, é seu neto.

Seus restos mortais estão sepultados em Sorocaba, no Cemitério da Saudade, e sua tumba é visitada anualmente por alunos, direção e funcionários da escola que o tem como patrono, em vinte e cinco de outubro, pois foi nesse dia que, em 1936, veio a falecer, ainda moço, vítima de um ataque cardíaco. É bem verdade que

as visitas ao cemitério nem sempre eram bem aceitas pelos alunos, mas é importante que aí se veja a necessidade e o esforço do diretor em preservar valor de tradição, que como vimos nos nossos referenciais teóricos, denota a importância dada pela direção a categoria tradição que fundamenta a autoridade.



FIGURA 3: Selo com a efígie do patrono da escola, o Dr. Achilles de Almeida.

6. 2. A comunidade e a escola

Desde seu início, o Grêmio “Dr. Achilles de Almeida” nunca foi um berloque. Sempre organizador e realizador de um grande número de festas, eleições, excursões e demais atividades, cívicas ou recreativas. A quantidade de bailes chama a atenção e chegou a fazer circular vários jornais, “O Ginásiano” foi um deles. Saiu do prelo em 1958, sob direção de Efraim Rosa e supervisão do próprio prof. Milton que tinha bastante intimidade com os assuntos de imprensa. Ainda escreve artigos para os diários locais e foi fundador e editor de jornal.

No início de 1956, o senhor prefeito municipal determina a volta da escola para o velho casarão da rua José Martins, nº 125, de propriedade da Sra. Maria de Los Angeles Marques, que continuava desocupado depois da saída das escolas que outrora o ocuparam. Passara ele por grande reforma e agora recebia alunos para o curso ginásial em três turnos. A reforma foi necessária e bastante grande. Foram reforçados os vigamentos do teto e consertadas goteiras, reformados banheiros, entre outras providências.

As razões que levaram à mudança foram: primeiro que o uso das instalações do Grupo Escolar “Senador Vergueiro” havia sido tratado em regime de cessão precária. Quando o Ginásio Municipal Noturno requereu, por exigência do Inspetor Federal, ao prefeito Gualberto Moreira, uma parte do terreno do “Senador Vergueiro” para construção de uma secretaria e diretoria próprias, a demanda lhe foi negada pela Secretaria da Educação do Estado, que lembrou a temporariedade da coabitação das escolas. O segundo motivo do retorno à Chácara Amarela foi um abaixo

assinado dos moradores do bairro Além Ponte pedindo a criação de um ginásio diurno, o que obviamente não poderia acontecer em um prédio dividido. Houve a necessidade de diminuir o número de alunos atendidos devido ao prédio ser menor, mas puderam funcionar à tarde; coisa impossível na situação anterior.

Em 1957, foi entronizada na escola a figura do Cristo crucificado e foram feitas as demais solenidades de inauguração da escola que novamente funcionaria na rua José Martins, 125. A direção agia de forma ecumênica, porém era clara a pendência para a fé católica.



FIGURA 4: Chácara Amarela, primeiro prédio a abrigar o Ginásio Noturno.

Nem bem havia se reinstalado na rua José Martins, o prédio foi fechado pela inspetoria federal que considerou as classes escuras e prejudiciais à saúde dos alunos. Foi necessário então a colocação de *vitrôs* maiores que melhorassem a iluminação das classes. O prédio em questão, como o próprio nome deixa perceber: Chácara Amarela, não era muito mais que uma casa grande. Oitocentos alunos poderiam ser atendidos, ampliava-se, assim, a oportunidade para os jovens do populoso bairro do Além Ponte. Na realidade o número não passou de seiscentos e cinquenta estudantes no ano seguinte.

Não era fácil entrar para o “Achilles de Almeida”, por isso a Prefeitura sustentava no bairro várias classes de preparatório ao curso ginásial, em salas alugadas em casas de família. O próprio estabelecimento também mantinha classes de admissão, uma vespertina e uma noturna, onde os alunos pagavam mensalmente Cr\$ 3000 (três mil cruzeiros) a título de remuneração para os professores para os exa-

mes de admissão ao ginásio. Use a tabela para uma comparação.

TABELA: Relação de salários mínimos

01/01/52	Cr\$1.200,00
04/07/54	Cr\$2.400,00
01/08/56	Cr\$3.800,00
01/01/59	Cr\$6.000,00
18/10/60	Cr\$9.600,00
16/10/61	Cr\$13.440,00
01/01/63	Cr\$21.000,00
24/02/64	Cr\$42.000,00
01/02/65	CR\$66.000,00
01/03/66	Cr\$84.000,00
01/03/67	NCr\$105,00
26/03/68	NCr\$129,60
01/05/69	NCr\$156,00
01/05/70	NCr\$187.20
01/05/71	Cr\$225,60

Calcular o valor do dinheiro no Brasil, com o passar das décadas e com a quantidade de planos econômicos a que fomos submetidos, é uma tarefa das mais difíceis. Existem tabelas de conversão que informam os valores referenciais das moedas nos diversos planos, oito no período, mas, mesmo assim, não basta saber quanto o dinheiro dizia valer e sim quanto ele comprava e para isso as tabelas de conversão são exercícios de aptidão matemática. A relação de salários mínimos que apresentamos serve minimamente de referência, sendo que é mister informar que estes salários, nos vários governos e inflações, também variaram imensamente.

Dada a dificuldade dos exames, os cursos preparatórios eram necessários.

Dentre as exigências para os exames destacamos:

- Apresentar o requerimento fornecido pela escola;
- Provar idade mínima de 11 anos completados, ou a completar, até 31 de julho do seguinte;
- Prova de sanidade física e mental e imunidade antivariólica, passada pelo Centro de Saúde;
- Certificado de conclusão do Curso Primário ou atestado idôneo de que recebeu satisfatória educação primária;
- Certificado de Alistamento ou Reservista para os maiores de 17 anos;
- Título de eleitor para os maiores de 18 anos;
- Uma pasta escolar;
- 2 fotografias 3x4.

Eram realizados provas consideradas difíceis e que, volta e meia, davam o que falar.

Houve, certa vez, uma denúncia:

“Na tarde de ontem, o Sr. Pedro Castilho, professor que preparou inúmeros candidatos aos exames de admissão ao Ginásio Municipal «Achilles de Almeida», informou-nos que pais de alunos pedirão a anulação das provas, sob a alegação de que houve questões não previstas no programa.

O prof. Pedro Castilho disse-nos que consultou os programas de Português pelas legislações estadual e federal, e elas não exigem verbos irregulares. Exibiu-nos ainda uma portaria do Ministério da Educação e Cultura, de n.o 825, de 13-10-59, chamando-nos a atenção para o artigo 12, que reza: «A matéria dos exames de admissão será a dos programas elaborados pela Diretoria do Ensino Secundário», e para o parágrafo único, que diz: «O estabelecimento poderá propor à Diretoria do Ensino Secundário a inclusão em seu Regimento Interno de programas próprios para os referidos exames.”
(anexos: recorte1960-12-07)

A resposta do diretor Milton foi que as provas transcorreram normalmente. A escola seguia a legislação federal, que não se prendia às mesmas exigências do estado. O parecer do Inspetor Federal, Antonio Gaspar Ruas, foi no sentido de reafirmar a independência da escola em seguir a legislação federal, também no mesmo

despacho declara que o uso de um verbo irregular “sorrir” não invalidaria o exame. E, terminando, acrescenta não poder fazer nada pelos alunos reprovados a não ser aconselhar que estudem mais para os próximos exames.

De outra feita, alguns pais fizeram uma denúncia de que houve fraude nos exames de admissão do Ginásio Municipal “Dr. Achilles de Almeida”. Segundo afirmaram, uma das serventes do estabelecimento supervisionava as provas de admissão e que, após colocar os alunos em estado de coação mental, afirmando que apenas uns oito ou nove seriam aprovados, ensinara as respostas a um aluno seu parente. Afirmaram também que a servente em questão ensinara as respostas a outros quinze alunos, para poder retirar-se mais cedo.

O diretor Milton foi chamado a esclarecer a situação e afirmou que:

“1º Em hipótese alguma uma servente supervisionaria exames de admissão de um Ginásio, pois essa função é de competência dos professores; 2º Apenas inspetores de alunos e não serventes tiveram acesso à classe, durante a realização dos exames, pois somente os inspetores de alunos podem tomar conta da disciplina da classe, durante eventuais saídas dos professores; 3º Os exames, na classe em questão, foram abertos por ele, e não pela servente, como afirmava a denúncia; 4º Realmente poucos alunos passam nos exames de admissão ao ginásio, naquele estabelecimento, pois as provas são julgadas com rigor; 5º Durante os minutos em que tomou conta da classe, a inspetora de alunos Célia Areia Moreno dirigiu-se a um dos alunos, tratando-o, por brincadeira, como se fosse seu parente; 6º O aluno em questão não tem grau de parentesco nenhum com qualquer dos examinadores ou inspetores de alunos daquela escola; 7º Os alunos, antes de se dirigirem ao jornal, não procuraram manter nenhum contato com a direção do “Achilles de Almeida” e 8º Na tarde de sábado, quando teriam apresentado reclamação, nenhum dos examinados poderia saber se havia ou não sido aprovado, já que as provas só começaram a ser corrigidas na segunda-feira .

Finalmente, foi exibida aos presentes a prova de português do aluno tido como pivô do caso. Viu-se, então, que este errou aquelas questões em que supostamente teria sido auxiliado pela servente” (anexos: recorte 1962-12-05[1]).

Seis dos alunos da classe em que teria havido fraude foram ouvidos depois. Disseram que realmente a inspetora de alunos, quando tomou conta da classe, disse qualquer coisa ao aluno FFB, mas que não poderiam precisar se era ou não alguma coisa relacionada com a matéria do exame. Nenhum, por outro lado, confirmou na íntegra as assertivas da notícia. Apurou-se, também, que o indivíduo que levou os alunos a apresentarem queixa contra a escola era o mesmo, que, há dois anos, havia tentado anular um outro exame de admissão daquele mesmo Ginásio, alegando que o programa seguido nas provas seria diferente do programa oficial, tendo então sua petição indeferida pela Inspeção do Ensino Secundário, diante da inanidade dos argumentos apresentados.

Como disse o diretor Milton, na primeira entrevista, o aluno acusado de ter sido ajudado pela inspetora foi reprovado e ele, como diretor da escola, entrou com uma ação criminal, fez uma queixa na Delegacia e o aleivoso teve que ajustar advogado para se defender da acusação de calúnia que depois foi arquivada.

Quando fala dos casos de suposta fraude, o diretor o faz no sentido de mostrar que era difícil a aprovação nos exames para a sua escola e que nem passa pela sua imaginação que as denúncias fossem fundadas em verdade, porém deixa claro, e as notícias de jornal comprovam, ele abriu sindicância e processou o acusador. Os documentos, orais ou escritos, não nos levam a duvidar de sua moral e reforçam a categoria confiabilidade, que é fundante em uma autoridade legitimada.

É compreensível a grande procura por vagas na escola. Não fosse pela fama de ótima escola, o fato do bairro, por volta do início dos anos 1960, contar com aproximadamente 35000 habitantes, já denotaria a necessidade de vagas. Também a condição de bairro popular é fator que acalorava a situação. A construção de um ginásio estadual no bairro, articulado politicamente por Carvalho Pinto, deveria amenizar a conjuntura, mas não. Muitos acreditavam que o Dr. Pitico²², aproveitando-se da criação da nova instituição, a guisa de reduzir custos em aproximadamente 10 milhões de cruzeiros por ano, fecharia o Achilles e uma campanha pela manutenção do mesmo ebuliu na imprensa. Também se aproveitou para pedir melhorias já que o prédio da escola funcionava de forma precária.

22 Dr. Pitico é o apelido popular de Artidoro Mascarenhas, eleito Prefeito Municipal de Sorocaba em 1960.

O prefeito Artidoro Mascarenhas se compromete a manter aberto o “Achilles” e ainda sanciona uma lei que eleva os salários-aula dos professores para Cr\$ 400.00.

Ainda em 1962 é empossada a Caixa de Cooperação Escolar, sob direção do diretor Milton, tendo como tesoureiro o prof. Nelson Wilson e secretária, Carmem Carolina Moreno. Só para que se entenda o valor dessa caixa de cooperação, no ano que se seguiu à sua criação, com o que se apurou foi possível construir uma grande sala de ciências no valor de Cr\$ 1.080.000,00. Vale ressaltar que editais foram publicados nos jornais convidando construtores para uma licitação pública.

Um fato interessante ocorreu no lançamento da pedra fundamental da sala de ciências do “Achilles de Almeida”. Devido à morte do presidente estadunidense, John Fitzgerald Kennedy, a data do lançamento das fundações foi atrasado do dia 23 para o dia 26 de novembro de 1963. É interessante notar a preocupação do diretor Milton com a morte de um dignitário de país e estrangeiro. Seria por subserviência à hegemonia norte-americana ou porque quando Kennedy foi assassinado Jango decreta luto oficial de 3 dias a partir de 22-11-1963?

Ainda pela Caixa Escolar, em 1963, foi adquirido um projetor que na época mereceu o adjetivo de moderno. Será por acaso que a partir da criação da Caixa de Cooperação a reuniões de pais passassem a ser divulgadas pelos jornais?

A biblioteca é fruto da união entre escola e comunidade.

“Na tarde de ontem, estiveram em nossa redação, a fim de pedir o apoio da FOLHA POPULAR para uma campanha de doação de livros para a biblioteca do Ginásio Municipal “Dr. Achilles de Almeida”, o prof. Caio de Oliveira Lima e o Sr. José Galo, presidente do Grêmio “Achilles de Almeida”.

Os mesmos estão lançando, com o apoio da direção do estabelecimento e a boa vontade de todo o corpo discente, uma grande campanha, visando conseguir a doação de livros para enriquecer a biblioteca da escola. Pedem, de preferência obras das literaturas brasileira e portuguesa, e livros didáticos, embora aceitem, também, com muito prazer, volumes de assuntos gerais.

Os interessados em colaborar com essa meritória campanha poderão deixar as ofertas em nossa redação, a fim

de serem os livros posteriormente enviados aos responsáveis.”(anexos: recorte 02-04-1960)”.

A Caixa de Cooperação Escolar, criada através da iniciativa do professor Otto Wey Neto, veio dar à escola vida nova. A direção não precisava mais "mendigar" à prefeitura ajuda para comprar material de limpeza e de secretaria. Os alunos sem recursos eram dispensados dessa contribuição. Com relação à cobrança da caixa escolar, sempre eram feitos anúncios em sala de aula e os pagamentos efetuados pelos próprios alunos no horário do recreio. Grandes filas eram formadas, uma classe por dia em um dos vãos da escada do pátio. Não eram feitas cobranças aos alunos, porém os que não podiam pagar viam os que podiam e isso era uma violência. As ajudas da caixa escolar como lápis, cadernos, réguas, borrachas etc. não eram entregues de forma ostensiva, mas todos nós sabíamos quem recebia. Não me lembro de alguém ter humilhado publicamente a um aluno da caixa e isso com certeza seriam execrado pelos professores e pela direção. A construção do caráter passava pela observância dos valores cristãos e era inviolável a tenacidade do corpo discente em relação a esses valores. Comprar uma briga feia com o seu Milton era ser pego humilhando um colega ou praticando violência física, por exemplo.

Em outubro de 1963 o jornal Folha Popular publica uma nota com o título: “Achilles de Almeida” cai aos pedaços. O "Seu" Milton reagiu imediatamente pedindo retratação ao periódico, claro, que como sempre, de forma gentil e política. Ele admite que o prédio é velho, e que a queda de um sarrafo do forro foi o que desencadeou essa celeuma. Mas que o prédio não está em frangalhos como afirmado. O poder público, segundo ele, vistoria periodicamente as condições de uso e o tem aprovado.

A situação da prefeitura em 1964 era tão ruim que a fez tomar algumas atitudes que hoje seriam impensáveis:

“REPROVADOS NÃO SERÃO ACEITOS NOS GINÁSIOS MUNICIPAIS

O prefeito baixou ontem a resolução 2/64, assim vassada:

«Armando Pannunzio, prefeito municipal de Sorocaba, no uso de suas atribuições legais e, CONSIDERANDO que a Prefeitura Municipal vem dispendendo somas vultuosas com a educação e ensino, e que as suas finanças mal suportam os pegados encargos de sua maquina administrativa;

CONSIDERANDO que, com a, existência de encargos intransferíveis no campo do ensino secundário e normal cabe ao poder publico zelar pela melhor aplicação das verbas desse ramo de ensino; CONSIDERANDO que a finalidade do ensino secundário e normal na esfera municipal é de ordem exclusivamente supletiva; CONSIDERANDO que, alem de qualquer circunstancia que vise o bom emprego das verbas orçamentárias, é ainda política altamente recomendável o aperfeiçoamento dos métodos e processos didáticos;

RESOLVE:

Art. 1.º — Determinar, aos senhores diretores do: Ginásio e Escola Normal Municipal «Dr. Getulio Vargas» e Ginásio Municipal «Dr. Achilles de Almeida» que adotem providencias urgentes no sentido de impedir a matricula por transferência, no ano letivo de 1964, de alunos reprovados no ano letivo anterior.

Art. 2.º — Determinar, outrossim, que introduzam nos respectivos regimentos internos as alterações, necessárias para, a partir do ano letivo de 1965, não receber, sob forma alguma, a matricula de alunos repetentes no presente ano letivo. Prefeitura Municipal. Em 3 de janeiro de 1964 309º da fundação de Sorocaba, a) Armando Pannunzio Prefeito Municipal; Helio Rosa Baldy - secretario dos Negócios Jurídicos e Internos; Otto Wey Netto – secretario da Educação e Saúde.”(anexos: recortes 1964-01-04)”.

É fácil entender a decisão da escola de andar por suas próprias pernas e é magnífico constatar o poder de organização e desprendimento da comunidade do Além Ponte e da Vila Hortência. A escola recebia sempre doações e presentes, como por exemplo, em 16 de maio de 1964, quando da inauguração da nova sala de Ciências Físicas e Naturais, a *Singer Sewing Machine Company* doou à escola uma máquina de costura para as aulas de Técnicas Específicas.

O que pode parecer um mérito da escola e por outro lado uma mostra de escapismo do governo que se omitiu de suas responsabilidades e sobra para o “diretor/líder/gerente”, adquirir competência para buscar outras fontes de recursos para a escola, mediante convênios, acordos e contratos com entidades públicas e privadas, nacionais ou internacionais.

“Um estudo realizado no Distrito Federal (Siqueira Júnior, 2002) mostra que não é objetivo desses programas transferir dinheiro suficiente para que as escolas se mantenha-
m total-mente, mas para suprir as suas necessidades mais urgentes. Como as verbas ordinárias do governo tam-
bém não suprem as necessidades básicas, as escolas devem então realizar alguma forma de arrecadação de dinheiro, o
que explica a orientação do Poder Público no sentido de que instituem uma entidade jurídica para administrar as verbas. É
preciso considerar que, embora a orientação governamental atribua aos pais e a outros membros da comunidade a res-
ponsabilidade pela arrecadação, utilização e fiscalização do dinheiro, o trabalho acaba recaindo sobre a direção da esco-
la. Por esta razão, segundo o autor, é fato comum que os di-
retores gastem grande parte do seu tempo administrando pe-
quenas verbas, que não chegam a prover as necessidades básicas da escola e, assim, não se dedicam às questões que incidem direta-mente sobre a qualidade do ensino” (Fonseca M. 2003. p. 312).

As entrevistas e conversas anteriores com Dona Leonette e com o próprio di-
retor Milton demonstram que ele tinha na administração de escola e na capitação de
recursos os seus principais afazeres e o aspecto pedagógico da escola ficava a
cargo ela, D. Leonette

As festanças promovidas pela escola tornaram-se tradicionais no bairro.
Sempre com o intuito de angariar dinheiro para os planos de expansão do estabele-
cimento. Figuras importantes da cidade freqüentavam e até mesmo participavam das
festividades, como é o caso em 1966, quando o famoso radialista da Rádio Cacique,
Nhô Juca, animou a festa junina. Se por um lado as festas se prestavam a objetivos
econômicos, por outro lado, acabavam por divulgar a escola na mídia e firmá-la no
imaginário popular. As festas eram organizadas, o ambiente era limpo e seguro, a
comida era boa, as apresentações, ensaiadas a exaustão, eram de ótimo nível.
Tudo contribuía no final para a imagem da escola. A participação dos pais era maci-
ça.

A Caixa de Cooperação do “Achilles de Almeida”, em relatório de 1965, publi-
ca os seguintes resultados: “esteve em franca movimentação tendo arrecadado Cr\$
4.409.409,00 com um débito de Cr\$ 4.035.986,00 oferecendo, portanto, um saldo

para o corrente ano de Cr\$ 373.423,00”²³.

A Caixa de Cooperação além de construir a sala de Ciências Físicas e Naturais, adquiriu uma serra tico-tico para trabalhos manuais, pagou o corpo docente do curso preparatório extra-oficial e saldou o aluguel do prédio escolar, responsabilidade da qual a prefeitura havia se eximido.

Como já havia ocorrido antes, e pelas mesmas razões, a falta de verbas e a construção do Ginásio do Estado no bairro, como era chamada pelos jornais da época a futura escola do Estado, o CEONC; voltam a aventar o fechamento do Achilles em 1967. O auspicioso é ver como algumas decisões políticas já tidas como certas são mudadas por pressão popular. Em 1968, além de repentinamente “esquecer” da intenção de fechar a escola, o prefeito Armando Pannunzio “mandou abrir” mais três classes de primeira série.

A prefeitura, através da sua Secretaria da Educação e Saúde, pretendeu “estadualizar” o “Achilles de Almeida”. Direção, professores, funcionários, alunos e pais, se mobilizaram. Foram até o Secretário da Educação do Estado e conseguiram neutralizar essa pretensão. A força da organização dessa gente e os resultados denotam uma liderança de resultados, mas também demonstra que o bairro era forte politicamente falando devido a sua densidade eleitoral.

Em 1968, começa a amadurecer a idéia de um prédio próprio para o “Achilles”. A mudança de administração era uma condição propícia para proposições do tipo. Principalmente numa época populista em um bairro populoso. O bairro Além Ponte e a Vila Hortência contavam já com mais de 40.000 habitantes na mais tímida das projeções.

O prefeito municipal recebeu ontem à tarde em seu gabinete, uma comissão de professores do Ginásio Municipal "Dr. Achilles de Almeida" que acompanhados do diretor daquele estabelecimento de ensino, o professor Milton Marinho Martins, foram levar ao alcaide municipal a sua velha reivindicação: construção do prédio próprio daquela escola, através de um convênio entre a prefeitura e o órgão de cooperação escolar. ,

Como o referido órgão tem uma verba razoável, a solicitação obteve apoio, senão que o chefe do executivo sorocabano determinou de imediato a abertura do processo para a construção do prédio.

Indicaram ainda os professores, a desapropriação, por parte da

23 Existe uma tabela de conversão para dar uma idéia de valor atual na página 89.

Prefeitura, do local onde atualmente situa-se a escola. (Anexo – Recorte 1969-10-25)

O bairro cresceu e a escola não tinha mais condições de continuar no velho prédio. A prefeitura alegava que não tinha recursos para construir prédio próprio. A direção, professores, funcionários e alunos, através de seus pais, juntaram recursos e doaram ao poder executivo a expressiva quantia de Cr\$ 30.000,00, para completar a verba para aquisição de um terreno, na rua Manoel Lopes, de propriedade da antiga Fábrica Santa Maria. Era um terreno em desnível em frente ao Tiro de Guerra e ficava em uma rua que praticamente era uma continuação da rua onde estava situada a escola.

Em 1970, o prefeito Crespo Gonzales declara de utilidade pública o imóvel da rua José Martins de propriedade da Sra. Maria de Los Angeles A. Marques. Pelo decreto 1277 ficou estabelecido que aquele imóvel, com área de terreno de 1.350,14 m² e área construída de 693,76 m², seria adquirido pela prefeitura.

Em 1971, a prefeitura anuncia que compraria uma parte do terreno da Fábrica de Tecidos Santa Maria para a construção do prédio próprio do Achilles de Almeida.

Alguns problemas apareceram no caminho dessa aquisição. Primeiro, o terreno para o "Achilles" seria adquirido à Santa Maria por cerca de Cr\$ 100.000,00; deste total, porém, uns Cr\$ 30.000,00 ou 40.000,00 seriam compensados, por corresponderem aos impostos que a firma devia à Prefeitura; segundo problema, a Santa Maria não devia só a Prefeitura; tinha uma dívida maior com o INPS²⁴ e não pode efetuar a transação sem obter, deste, um alvará de autorização; terceiro, o INPS somente concederia o alvará se a Santa Maria concordasse em recolher toda a soma proveniente da venda, sem a compensação dos impostos devidos à Prefeitura, aos cofres da Previdência Social ou se solicitasse o parcelamento do seu débito; e por último, a Santa Maria, não tinha interesse em pleitear esse parcelamento, apesar de haver sido orientada nesse sentido pela Agência local, que, inclusive, se prontificou a encaminhar o problema junto à superintendência, em São Paulo. Como não houve acordo a área foi desapropriada a bem da educação, conforme a redação literal do decreto.

24 Em 2 de janeiro de 1967, é implantado o Instituto Nacional de Previdência social (INPS), reunindo os seis Institutos de Aposentadorias e Pensões, o Serviço de Assistência Médica e Domiciliar de Urgência (SAMDU) e a Superintendência dos Serviços de Reabilitação da Previdência Social.

Na época já começam as primeiras rugas entre os defensores da construção e os que achavam um desperdício construir uma escola tão próxima de outra, visto que o CEONC vinha sendo reconhecido como uma das maiores escolas do Estado de São Paulo.

O prefeito, José Crespo González resolveu construir a nova escola ali no terreno da Santa Maria. Mas, o Governo do Estado já estava edificando, dois quarteirões adiante, o CEONC, Escola Estadual "Professor Octávio Novais de Carvalho", localizada na rua Assis Machado. Algumas pessoas criticaram a decisão afirmando não haver clientela para duas escolas tão próximas. O "Seu" Milton entrou na luta pela imprensa. Houve debate na rádio PRD-7. A rádio queria saber como é que o Getúlio convive há tantos anos com o Estadão e não há problema nenhum, cada uma tem sua clientela, e já houve tempo que eram três, quando no seminário funcionou a Industrial. Ali em dois quarteirões três escolas secundárias. A Escola Profissional, o Estadão e o Getúlio.

A Escola Estadual "Otávio Novaes de Carvalho" seria uma das maiores da cidade. O "Achilles", mal tinha sido instalado em seu novo prédio, já se mostrava pequeno para conter o número de crianças e jovens que o procuravam. Basta lembrar que, nos últimos anos, a média de inscrição para três classes da primeira série do Ensino Fundamental era de mais de quatrocentos candidatos.²⁵

Quando o prédio ficou pronto havia o receio de não haver alunos. Diretor Milton conta como fez a divulgação da escola:

Então eu até tive uma idéia. Estavam dizendo que não ia ter clientela, nós vamos mostrar que o problema de uma escola não é esse, é ela que se faz, não é questão de localização de nada. Peguei a perua da prefeitura com um alto falante em cima e percorri durante dois dias, tudo. Os bairros, toda região ali do bairro, e de microfone em punho lá eu dizia:

- Meus senhores e minhas senhoras dentro de alguns dias vai começar a funcionar a escola Dr. Achilles de Almeida, agora com curso primário, porque não era, só ginásio, agora com curso primário, para 1ª a 4ª série...

Percorri todo o bairro, e olha, depois precisava fazer fila para (risos) pra você ver, não tem nada...

²⁵ Desde a administração do Prefeito Antônio Carlos Pannunzio, as vagas têm sido preenchidas exclusivamente por sorteio, exceção feita à margem de portadores de necessidades especiais, por força de lei municipal, e como lembrou a professora Leonette, também por força de lei, os filhos dos militares que são transferidos para a cidade, têm suas vagas garantidas.

O Achilles fez sua própria... (clientela?).

Era Secretário da Educação e Saúde o Prof. Milton Marinho Martins, que durante o ano de 1972 afastou-se da direção para exercer esse cargo. Foi substituído pelo professor Nelson Wilson, o qual contou com a assessoria da ex-professora de Francês Leonette Georges Kayal Stefano, como vice-diretora.

Com grandes festas, no último dia de governo do prefeito José Crespo Gonzales, em 30 de janeiro de 1973, inaugurava-se o novo prédio da escola "Dr. Achilles de Almeida". Amplo, moderno, confortável, passou acolher mais de mil alunos, com o primeiro grau completo, composto de oito séries, de acordo com a L.D.B., a Lei 5692/71. As salas de aulas eram amplas e muito modernas.

Após a inauguração do novo prédio da rua Manoel Lopes, o diretor Milton retornou ao cargo de diretor, no qual permaneceu até vinte de novembro de 1991, quando se aposentou compulsoriamente, por ter completado setenta anos de idade. Nesse período, contou sempre com a colaboração da Profa. Leonette.

Como permitia a legislação, são criados os cursos de Técnico em Contabilidade e Técnico em Secretariado, obedecendo às legislações federal e estadual em vigor, reconhecidos pela Portaria C.E.E. nº. 91/81, publicada no Diário Oficial do Estado em dezenove de maio de 1981.

A Associação de Pais e Mestres foi sempre muito ativa, apoiando a direção e ajudando a desenvolver programas pedagógicos, ampliando e melhorando as condições físicas do prédio, uma vitória para a coletividade e um exemplo de interação entre a escola e a população.

O Curso Técnico em Patologia Clínica foi instalado e logo depois reconhecido pela Portaria C.E.E. nº. 04/83, de primeiro de março de 1983, publicada no Diário Oficial do Estado a cinco de março de 1983. Um bom laboratório foi montado na sala vinte e um, onde mensalmente eram realizadas mais de quinhentas análises de sangue, urina e fezes para os postos de saúde da prefeitura. Há alguns anos o laboratório se desligou da escola, ampliou-se e funciona ao lado do Estabelecimento de Ensino, com o nome de professor "Dijair Iscaro". O segundo grau tradicional foi criado e autorizado pelo Conselho Estadual de Educação, através do Inciso III do Artigo 7º, da Deliberação nº. 29/82, publicada no Diário Oficial de vinte e cinco de fevereiro de 1986.

Desde sua instalação, a escola contou com um eficiente grêmio estudantil, cujo patrono era o mesmo do estabelecimento - Dr. Achilles de Almeida. Quando a legislação federal de ensino determinou a criação dos centros cívicos e a inclusão da Educação Moral e Cívica no currículo das escolas, o "Achilles" só precisou criar o centro cívico, pois a Educação Moral e Cívica já vinha sendo ministrada há muito tempo.

O centro cívico ficava sob a coordenação da professora Carmelita Miguel Saker. No ano de 1980, a aluna Rosana Pereira de Oliveira foi classificada em primeiro lugar no concurso do Estado Maior das Forças Armadas, no âmbito da Segunda Região Militar.

A ecologia sempre foi levada a sério. Desde os primeiros anos da escola, o Dia da Árvore tem sido comemorado com, pelo menos, o plantio de uma árvore. Deu-se ênfase, anualmente, ao Dia dos Pássaros. As comemorações cívicas sempre tiveram apoio incondicional desta escola, que também participou de festivais do teatro estudantil, chegando mesmo a classificar-se em primeiro lugar.

A biblioteca sempre teve o carinho da direção, dos professores e dos alunos. Em vinte e cinco de outubro de 1984, inaugurou-se o ginásio de esportes, o primeiro da cidade em escola pública. Construído com renda das tradicionais festas juninas e com a colaboração da Associação de Pais e Mestres e da Caixa de Cooperação Escolar, contou, em sua fase final de construção, com o auxílio do Dr. Benedito Pagliato. Daí ter recebido o nome desse ex-presidente da A.P.M. e amigo da escola.

A prefeitura na época contribuiu pouco para a concretização desse sonho do diretor Milton e da coletividade. Projetos de longo prazo como este dificilmente chegam a termo em instituições de alta rotatividade gerencial. Como afirma Fayol, uma rotatividade alta tem conseqüências negativas sobre desempenho da empresa e o moral dos funcionários. (in SANTOS)

Ainda em Fayol, sobre o diretor/gerente vemos que Teoria Clássica de Fayol defendia linearidade da organização caracterizada pela centralização da autoridade. A centralização e descentralização referem-se ao nível hierárquico no qual as decisões devem ser tomadas. Na visão de Fayol, centralização quer dizer que a autoridade de decisões está reservada a quem está próximo ao topo da organização. A organização é desenhada dentro da premissa de que o indivíduo no topo possui a

mais alta autoridade e que a autoridade dos demais indivíduos é escalada para baixo, de acordo com sua posição relativa no organograma.

Vantagens da Centralização:

- A centralização foi valorizada no passado devido às seguintes vantagens:
- As decisões são tomadas por administradores que possuem visão global da empresa;
- Os tomadores de decisão no topo são mais bem treinados e preparados do que os que estão nos níveis mais baixos;
- As decisões são mais consistentes com os objetivos empresariais globais;
- A centralização elimina esforços duplicados de vários tomadores de decisão e reduz custos operacionais;
- Certas funções, como compras e tesouraria, permitem maior especialização e vantagens com a centralização.

Desvantagens da Centralização:

- As decisões são tomadas na cúpula que está distanciada dos fatos e das circunstâncias;
- Os tomadores de decisão no topo têm pouco contato com as pessoas e situações envolvidas;
- As linhas de comunicação da cadeia escalar provocam demoras e maior custo operacional
- As decisões passam pela cadeia escalar, envolvendo pessoas intermediárias e possibilitando distorções e erros pessoais no processo de comunicação das decisões. (SANTOS)

A gestão Milton Marinho Martins foi desenhada, se é que foi desenhada, baseando-se na Teoria Clássica de Administração de Fayol. Porém, uma escola é algo público e a gestão torna-se participativa por uma questão de execução.

Foi, ainda, com a ajuda da A.P.M. e da Caixa de Cooperação Escolar que a direção conseguiu construir mais sete salas de aula e um depósito, dando à escola a estrutura que mantém até hoje.

A escola tem recebido ajuda do Ministério da Educação, através da Fundação Nacional para o Desenvolvimento da Educação (F.N.D.E.), no montante aproximado de oito mil reais anuais. Esta ajuda esta sendo providencial, já que a arrecadação junto aos alunos tem sido desestimulada, sob alegação de inconstitucionalidade.

De primeiro de agosto de 1972 a vinte de novembro de 1991, a professor Leonette Georges Kayal Stefano atuou como vice-diretora. Antes de assumir esse cargo, ela já contava com aproximadamente dezessete anos de casa.

A vinte de novembro de 1991 aposenta-se, compulsoriamente, por haver completado 70 anos, o professor Milton Marinho Martins. Houve festividades em homenagem ao diretor aposentado.

Há vinte e um de novembro de 1991, assume a direção a professora Leonette, que preparou o professor Mário Antônio de Almeida Pellegrini para a vice-direção, este já há dezoito anos vinha lecionando Português e Inglês na escola.

Dona Leonette dirigiu o "Achilles" por cinco anos. Com a colaboração de seu assistente. Eles assumiram numa fase em que grandes mudanças estavam sendo implantadas na educação e essas mudanças foram realizadas com segurança.

A Informática ganhava espaço de ano para ano. Compreendendo a necessidade de dar aos alunos em geral e, em especial, aos do segundo grau, conhecimentos mais profundos desse campo, a escola criou o Curso Técnico em Processamento de Dados, cuja autorização foi publicada no Diário Oficial do Estado, de oito de dezembro de 1995. A escola passou a contar, então, com quatro cursos profissionalizantes, dando oportunidade a que um bom número de jovens pudesse deixar a escola estando bem preparados e aptos a entrar no mercado de trabalho. O estabelecimento, no que toca à sua parte física, teve, durante a direção da professora Leonette, atenções especiais.

Em trinta e um de janeiro de 1996, com mais de quarenta anos de serviço, aposenta-se a professora Leonette Georges Kayal Stefano, sendo alvo de inúmeras manifestações de carinho e apreço pelos trabalhos desenvolvidos. Entre outras realizações, podemos citar: o início da informatização da Secretaria da escola, adaptação do prédio para atender deficientes físicos e criação de uma horta comunitária, muito em voga na época e que auxiliou, principalmente para a merenda escolar. Foi inaugurado, com festividades, o Centro de Tradições e Folclore, na sala de número

vinte, que recebeu o nome da diretora.

Assume, então, a direção, o professor Mário Antônio de Almeida Pellegrini, assistente de direção.

Professor formado em Letras, Administração Escolar e Supervisão Escolar pela Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Sorocaba, é também bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Sorocaba. Concursado, não teve dificuldade em ser nomeado diretor do Achilles, uma vez que era o primeiro dentre todos os aprovados. Neto do Patrono da Escola sentiu-se naturalmente muito honrado em dirigir a escola que ostenta o nome do seu avô materno.

A Prefeitura designou, como assistente de direção, o professor Carlos Alberto Santos Almeida, Professor de Português e Inglês também graduado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, foi aluno das séries do primeiro grau da Escola Municipal "Dr. Achilles de Almeida". Sua experiência como professor deu-se, principalmente, na Escola Municipal de 1º e 2º Graus "Dr. Achilles de Almeida" e na Escola Municipal de 1º e 2º Graus "Leonor Pinto Thomaz" e, como administrador escolar, na última escola municipal citada e na "Dr. Getúlio Vargas", onde exerceu temporariamente o cargo de diretor.

Ambos participaram do objetivo de adaptar escola à nova realidade educacional, acompanhando as novas normas regulamentares. Também o edifício e os movimentos culturais, esportivos e cívicos continuam merecendo, de ambos, toda a atenção.

Atualmente a Escola Municipal de 1º e 2º Graus "Dr. Achilles de Almeida" conta com a colaboração de uma Coordenadora Pedagógica, professora Maria Tereza Vivaldi, lotada no estabelecimento pelo concurso de 1995, e de uma orientadora educacional, professora Nair Furtado Ribeiro. AS duas pertenciam ao quadro de professores da escola.

Corpo Docente e Direção que sempre cuidaram dos problemas mais prementes de seus alunos vêm ultimamente, através de muitos projetos, procurando mostrar a importância da preservação do meio ambiente, da solidariedade e do combate às drogas, servindo-se, neste último campo, do trabalho do PROERD²⁶.

26 O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) é uma iniciativa da



Figura 3: Fachada atual da EMPSG “Dr. Achilles de Almeida”.

Com instalações próprias desde 1973 e utilizando-se das mais avançadas técnicas pedagógicas²⁷.

Atende a cerca de 1800 alunos, distribuídos em três períodos, com ensino fundamental (crianças de 1ª a 4ª séries, no período da tarde, e de 5ª a 8ª séries, no período matutino), Ensino Médio (noturno) e Ensino Profissionalizante – cursos seqüenciais de informática e Patologia Clínica (também noturno), propiciando várias opções no campo educacional, e tradicionalmente formando profissionais visando às necessidades do mercado de trabalho da região sorocabana e preparando estudantes para o convívio social e prosseguimento de estudos em nível superior.

O “Achilles” ainda conta com a Escola Vinculada do Bairro Genebra, agrupada à Escola Municipal “Dr. Achilles de Almeida”. Situa-se entre o bairro de Brigadeiro Tobias e o município de Alumínio, a 17,5 Km da escola-sede, com classes multiseriadas (1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries), do Ensino Fundamental.

Possuía em 2002, quando este levantamento foi encerrado, 27 funcionários, 62 professores, e a direção da Profa. Meiri Aparecida Silva Ribeiro, assessorada pela Profa. Martha Maria Brandão de Patton. A escola atrai alunos pretendentes a vagas de todo o município e das cidades da região.

Polícia Militar de prevenção para crianças da pré-escola até o colegial; os pais também recebem orientações em reuniões e palestras, representando um esforço cooperativo entre as Escolas, Pais e Polícia Militar. O PROERD é baseado no Programa Americano chamado D.A.R.E (*Drug Abuse Resistance Education*).

27 A afirmação consta do memorial da escola. que não especifica que avançadas técnicas são essas.

7. Considerações finais

Os objetivos deste trabalho estão finitos. Está demonstrado que a Escola Municipal de Primeiro e Segundo Graus “Dr. Achilles de Almeida” gozava de um lugar privilegiado no imaginário social sorocabano, não como uma cópia do real, mas uma construção deliberada. O diretor Milton Marinho Martins erigiu uma efígie da escola e a cultivou. E a imagem vingou, pois não se contrapunha ao modelo de escola ansiado pela coletividade da época.

Almejavam um diretor forte, verdugo, impositor, disciplinador, que brandisse sua autoridade. Queriam professores capazes, carinhosos, porém também exigentes. A escola tinha que ser limpa, organizada, um modelo da modernidade.

Dos alunos se esperava o futuro da nação respeitando as tradições, a pátria e o “passado de glórias”. Essas necessidades e projeções da comunidade eram encontradas no Achilles. Desde cedo os anseios populares fizeram ecoar sua vontade. O Ginásio foi criado para não se ter que atravessar a ponte, depois foi ampliado, reformado e por fim ganhou casa própria. O povo sempre lá, fazendo o que o poder público se eximia em fazer. Como afirma Bazcko (1985. p. 403), “o ato de imaginar aclara os rumos e acelera as utopias”.

Sobre a autoridade do diretor encontramos em Sennett:

“Seria um mal-humorado sentimentalismo lamentar o declínio do trabalho árduo da autodisciplina — para não falar da boa educação, do respeito aos mais velhos e de todos os outros prazeres dos bons velhos tempos. A seriedade da velha ética

de trabalho impunha pesados fardos ao seu trabalhador. As pessoas tentavam provar seu próprio valor pelo seu trabalho; em forma de "ascetismo leigo", como o chamou Max Weber, o adiamento da satisfação podia tornar-se uma prática profundamente autodestrutiva. Mas a alternativa moderna para a longa disciplina de tempo não é um verdadeiro remédio para essa autonegação" (Sennett, 2004. p. 118) .

O trabalho de equipe é a tônica dos dias atuais. Temos que ser sensíveis aos outros, termos aptidões delicadas e administrar circunstâncias. Sempre em tempo presente, imediato. A flexibilidade do capital levou a essa ética flexível da equipe. A velha ética do trabalho ainda tem conceitos que contam pelas suas qualidades de autodisciplina, voluntarismo auto-imposto, e que é muito mais nobre que a submissão pura a horários e rotinas. No mundo antigo a autodisciplina era a forma de enfrentar o caos representado pela natureza.

O trabalho duro era a forma da época e o rigor sua maneira de expressão.

Arendt (2003) declara a decadência do sistema educacional como uma atitude de abandono das crianças por seus pais e demonstra como a escola ao se identificar com a idéia de ser uma empresa que tem no aluno seu cliente fica presa à lógica do cliente sempre ter razão e assim abdica de sua autoridade.

Nas definições que encontramos de autoridade podemos facilmente encaixar a gestão Milton Marinho Martins como de autoridade na maior parte do tempo. Os episódios que resvalaram no autoritarismo podem em grande parte ser creditados aos costumes e crenças da época, à sua índole e à sua noção do que fosse educar.

O fato de dar a aula inaugural, de considerar a escola como extensão de seu lar, davam ao diretor Milton uma categoria de fundador e a autoridade inerente a ela. Seu poder era considerado legítimo e poucas vezes posto em questão. Sua gestão não era democrática.

Já na época em que Profa. Leonette foi alçada ao cargo de vice-diretora, houve a divisão dos encargos. D. Leonette ficou com a parte pedagógica da gestão escolar e ele com a gestão administrativa, se afastando um pouco dos alunos.

Os anos também abrandaram o diretor, que aprendeu a tratar os alunos do período noturno com mais calma.

O poder estável é um ponto a ser destacado. A atual “dança das cadeiras” que vem ocorrendo nas direções, trazem para as escolas uma descontinuidade de projetos e um descomprometimento com o futuro da instituição.

Quando chegou a hora de sair, ele, segundo suas próprias palavras, preparou D. Leonette e ela, seguindo o seu exemplo, preparou seu sucessor, o professor Mario Pellegrini.

A pergunta que me levou a escrever foi: Como posso admirar uma pessoa autoritária?

Posso sim. Primeiro por que o diretor Milton não foi uma figura autoritária, apesar de ter momentos de autoritarismo em sua gestão. Mas o principal é que sua administração era firme e competente e nos dava a segurança física e emocional necessárias ao bom desenvolvimento de qualquer aluno. Éramos respeitados por nossos colegas, por nossos professores e pela administração. Estudávamos em um ambiente limpo, silencioso e organizado. Tínhamos razões para temer, mas exemplos para seguir. Não éramos piores nem melhores que ninguém, mas as pessoas na cidade nos reconheciam por onde íamos e tínhamos orgulho de dizer:

- Estudo no Achilles.

Meus respeitos, senhor Milton Marinho Martins, obrigado!

Bibliografia

ALBERTI, Verena. **História oral a Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ANSART, Pierre. **Ideologia, conflito e poder**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.

ARAÚJO, Carlos. "**Cebolândia**" **cultiva histórias nos símbolos e na memória do povo**. <<www.cruzeironet.com.br/sorocaba/rondanosbairros/hortencia.shtml>>

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaldi, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. **São Paulo: Abril Cultural**. : 67. (Coleção Os Pensadores), 1975.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Pátria, civilização e trabalho**. São Paulo: Loyola, 1990.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAVALCANTE, Berenice. "**Ser moderno**": **a propósito de uma tradição**. Revista Semear, nº 4, Rio de Janeiro: PUC, 1998.

FERREIRA, Rodolfo, **Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor**.

Rio de Janeiro: Quartet, 1998.

FONSECA, Marília. **O projeto político-pedagógico e o plano de desenvolvimento da escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar.** Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 302-318, dezembro 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser Professor no Brasil. História oral de vida.** Campinas / SP: Papirus, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRIEDRICH, Carl J. **Tradição e autoridade em ciência política.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 39).

HOBBSAWM, Eric – **Era dos Extremos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.** Objetiva Ltda, 2001.

LAFER, Celso. **Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder.** 2ª. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo et al. **História oral e pesquisa sociológica, a experiência do CERU.** São Paulo: Humanitas, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e profissão docente.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 67).

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5ª ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MARX, Karl. **“O 18 Brumário de Luís Bonaparte”**

<<<http://che.com.sapo.pt/archivos/brumario.PDF>>>

- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MIMESSE, Eliane. **A educação e os imigrantes italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.
- NARDY FILHO, Francisco. **São Paulo e o início da indústria de tecidos de algodão** - Especial IV Centenário de São Paulo.
<<www.cruzeironet.com.br/sorocaba/rondanosbairros/hortencia.shtml>>
- OLIVEIRA, Celso Coelho de. **Os espanhóis**. Sorocaba: TCM, 2002.
- SANTOS, Cristiane Cabral dos. **Teorias de Administração I**. Instituto de Ensino Superior de Rio Verde.
<<<http://www.faculdadeobjetivo.com.br/up/Apostila%20TGA%20I.doc>>>
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SENNETT, Richard. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Paulo Celso da. **De novelo de linha à Manchester Paulista. Fábrica têxtil e cotidiano no começo do século XX em Sorocaba**. Sorocaba: Projeto LINC, 2000.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: 1889-1910**. São Paulo: UNESP, 1998.
- THOMPSON, Alistair. "**Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais**", in: FERREIRA, M. & AMADO, J. (org.). Usos e abusos da história oral.
- THOMPSON, E.P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona, Crítica, 1979.
- THOMPSON, Paul (1935). **A voz do passado - História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.